

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

Escola de Ciências Médicas e da Saúde

Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde

DAVI BARBOSA PENA

**MAL-ESTAR DOCENTE: ESTUDO COM PROFESSORES
READAPTADOS DE ESCOLAS PÚBLICAS.**

São Paulo

2017

DAVI BARBOSA PENA

**MAL-ESTAR DOCENTE: ESTUDO COM PROFESSORES
READAPTADOS DE ESCOLAS PÚBLICAS.**

Trabalho de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia da Saúde, da Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Manuel Morgado Rezende.

São Paulo

2017

DAVI BARBOSA PENA

**MAL-ESTAR DOCENTE: ESTUDO COM PROFESSORES
READAPTADOS DE ESCOLAS PÚBLICAS.**

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Prof. Dr. Manuel Morgado Rezende (orientador): _____

Prof^a. Dr^a. Eda Marconi Custodio: _____

Prof^a. Dr^a. Maria Geralda Viana Heleno: _____

São Paulo

2017

Agradecimentos

Em primeiro lugar a minha família, por me aceitar à minha maneira, por me apoiar e me darem forças para seguir na luta.

A minha companheira Andréa, que sempre acredita em mim e me apoia com sua força, agradeço a você Andréa, que me deu o único e estimável bem da minha vida a “Luiza”.

A Luiza, minha filha agradeço por ter chegado em um momento tão importante da minha vida e por me trazer a realidade.

Ao meu pai, que me ensinou a ser humano e respeitar todos os indivíduos.

As mulheres que me criaram e me acolhem sempre que preciso Maria, minha mãe forte e determinada. Lilian, minha irmã dócil e incentivadora das minhas primeiras leituras. Mirian, minha irmã desafiadora e corajosa, eu sempre desejei um pouco de seu ímpeto. Lucimara, minha irmã superprotetora e de uma dedicação imensurável à família. Lucinda, minha irmã tão carinhosa e carismática que todos querem sua companhia.

Aos meus sobrinhos: Francielly, Victor, Caetano, Rafaela, Raul, Pedro e Camila, o tio não é tão bravo quanto vocês pensam.

A meu amigo Luciano, pelo incentivo ao para ingressar no mestrado.

Aos meus amigos: Raquel, César, Regiane, Érika, Hilton, João, Robson.

Pena, D.B (2017). *Mal-estar docente: estudo com professores readaptados de escolas públicas*. Dissertação/tese de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde. Escola de Ciências Médicas e da Saúde. Universidade Metodista de São Paulo.

Resumo

A escola sempre teve seu lugar de importância na sociedade e os professores, ou mestres, como eram chamados tinham o respeito e a admiração de todos, era uma profissão reconhecida. Os professores eram referências para seus alunos, valorizados não só pelo seu conhecimento, mas também pela figura de admiração que despertava em seus alunos. Entretanto, com o passar dos anos, esta profissão começou a ser desvalorizada e o glamour que existia parece que se perdeu no tempo e a sociedade que tanto admirava seus professores, hoje em dia, parece não reconhecê-los. Com esta desvalorização, toda a sociedade perde. O objetivo desta pesquisa foi descrever e analisar a percepção de saúde na trajetória profissional de professores readaptados. A amostra pesquisada foi composta por professores readaptados de ambos os sexos que estavam readaptados há mais de 01 (um) ano, em escolas públicas de São Paulo-SP. Os instrumentos utilizados foram: entrevista com perguntas norteadoras e um questionário de identificação dos participantes. Os resultados apontaram que o trabalho em sala de aula pode desencadear sintomas mentais em professores, no entanto, nem todos profissionais enxergam dessa forma, e, muitas vezes justificam sua patologia ligada somente a questões pessoais. Além disso, os resultados mostram também o isolamento do profissional que está readaptado, a desvalorização deste profissional, a falta de empatia de seus colegas de profissão, evidenciando também a desesperança na readaptação e a falta de perspectiva de futuro de um readaptado. Espera-se que este trabalho possa ter contribuído para aprofundar sobre o tema mal esta docente e o universo dos professores readaptados e que, a partir disso, possamos pensar em estratégias de promoção da saúde na educação.

Palavras-chave: Professores readaptados, Educação, Mal estar, adoecimento de Professores, Promoção de Saúde, Percepção de Saúde de Professores.

Pena, D.B (2017). Teacher malaise: study with teachers readapted from public schools. Dissertation / master's thesis. Postgraduate Program in Health Psychology. School of Medical Sciences and Health. Methodist University of São Paulo.

Abstract

The school always had its place of importance in the society and the professors, or masters, as they were called had the respect and the admiration of all, was a recognized profession. Teachers were references to their students, valued not only for their knowledge, but also for the figure of admiration that awakened in their students. However, over the years, this profession began to be devalued and the glamor that existed seems to have been lost in time and the society that so much admired its teachers, nowadays, seems not to recognize them. With this devaluation, the whole of society loses. The aim of this research was to describe and analyze the health perception in the professional trajectory of readapted teachers. The sample was composed of readapted teachers of both sexes who were readapted more than 01 (one) year, in public schools of São Paulo-SP. The instruments used were: interview with guiding questions and a participant identification questionnaire. The results pointed out that classroom work can trigger mental symptoms in teachers, however, not all professionals see this way, and often justify their pathology linked only to personal issues. In addition, the results also show the isolation of the professional who is readapted, the devaluation of this professional, the lack of empathy of his colleagues in the profession, also showing the hopelessness in the readaptation and the lack of perspective of the future of a readaptado. It is hoped that this work may have contributed to deepening on the subject poorly this teacher and the universe of the teachers readapted and that, from that, we can think of strategies of health promotion in the education.

Keywords: Reformed teachers, Education, Malaise, sickness of teachers, Health promotion, Teachers' Health Perception.

Sumário

1. Introdução	08
1.1 A origem da educação	08
1.2 A realidade da sala de aula	11
1.3 Mal-estar docente, o sofrimento na sala de aula	15
1.4 Estresse e Burnout	22
2. Objetivo geral	25
2.1. Objetivos específicos	25
3. Método	26
3.1. Local	26
3.2. Participantes	26
3.3. Critério de Inclusão	26
3.4. Instrumentos/Materiais	26
3.5. Procedimento	27
3.6. Tratamento dos Dados	28
3.7. Riscos e Benefícios	29
3.8. Aspectos Éticos	29
4. Resultados e discussão	30
a. o sonho de ser professor: da vocação ao adoecimento	30
b. readaptação: da vocação à desilusão	37
c. Desesperança com a situação e descaso dos colegas	41
d. Readaptação solicitada.....	45
5. Considerações finais	50
6. Referências Bibliográfica	52
7. Anexos	54
Anexo 1 – Carta de autorização da Instituição para pesquisa	54
Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	55
Anexo 3 – Declaração de Responsabilidade do Pesquisador	57
Anexo 4 – Questionário de identificação do participante	58
Anexo 5 - Declaração de instituição coparticipante	59
Anexo 6 – Carta de Ottawa.....	60

1. Introdução

1.1 A origem da educação

O meu interesse em estudar os professores de escola pública iniciou-se há uma década, quando fui convidado pela direção de uma escola estadual, localizada na região do Capão Redondo, periferia de São Paulo, para realizar um trabalho com os alunos, uma roda de conversa à respeito de mercado de trabalho e profissões. A partir deste contato, com professores desta escola, comecei a pensar sobre os desafios, ganhos, motivações e sobre a vocação para lecionar em um contexto difícil, não por se tratar de uma escola na periferia, mas por tudo que envolve a educação pública e o ensino em nosso país.

Anos mais tarde, fui contratado por uma empresa que presta serviços para a Secretaria da educação do Estado de São Paulo- SEE, com a proposta de realizar um trabalho de readaptação funcional com servidores desta secretaria. A princípio, o meu trabalho era entrevistar os servidores que já estavam readaptados, em sua maioria professores, com o objetivo de verificar o grau de satisfação deles com a readaptação. Foram várias histórias nessas entrevistas e muitas delas com um enredo muito parecido, falando das angústias, do adoecimento, do esquecimento dos colegas de profissão, do abandono e descaso. Também encontrei pessoas que, mesmo após a readaptação, conseguiram reencontrar o prazer na educação e realizam um trabalho com dedicação e afinco. Assim, surge então o interesse em pesquisar esta população, os resultados podem trazer conhecimentos valiosos para a melhora da readaptação destes professores.

Em resumo, a Resolução SE 18, de 10-4-2017, estabelece normas e critérios relativos à readaptação de servidores da Secretaria da Educação e dá providências correlatas: Artigo 1º - O servidor integrante do Quadro do Magistério - QM, ou do Quadro de Apoio Escolar - QAE ou, ainda, do Quadro da Secretaria da Educação - QSE, poderá ser readaptado, desde que se verifique alteração em sua capacidade de trabalho, por modificação do estado de saúde física e/ou mental, comprovada mediante inspeção médica, a ser realizada pelo Departamento de Perícias Médicas do Estado - DPME da Secretaria de Planejamento e Gestão - SPG. Artigo 2º - A readaptação do servidor poderá ser proposta pelo Departamento de Perícias Médicas do Estado - DPME, quando, por meio de inspeção para fins de licença para tratamento de saúde ou de aposentadoria por invalidez, for comprovada a ocorrência da alteração a que se refere o artigo 1º desta resolução, ou, solicitada pelo próprio servidor, mediante apresentação, na unidade/órgão de classificação, de requerimento dirigido ao Diretor do DPME, acompanhado

de relatório médico que comprove a modificação de seu estado físico e/ou mental, a que se refere o artigo 1º desta resolução (Resolução SE 18).

Esta pesquisa pretendeu descrever a trajetória dos professores readaptados, por meio da escuta ativa. A ideia é dar voz a esses profissionais, que se encontram nesta condição de readaptados e traçar um perfil destes professores.

A educação na realidade brasileira está inserida, com desníveis sociais e a ação educativa processa-se de acordo com a compreensão que se tem da realidade social. A profissão de professor no Brasil é muito antiga, os primeiros registros são da chegada dos jesuítas (Romanelli, 2001). Neste período, com a chegada dos jesuítas no Brasil, iniciou-se a escolarização do ler e escrever (Ranghetti, 2008). O colégio era o grande objetivo, pois era orientado para a formação de novos missionários e, missionários que tinham a missão de educar e, ao mesmo tempo, ter a missão cristã. No século XVI, os padres jesuítas ensinavam teologia política nas escolas, por meio de encenações teatrais. Os servidores da Ordem eram preparados para o exercício do sacerdócio e para o ensino das Ciências Humanas e Teológicas e Letras. Inicialmente, os padres ministravam aula de educação primária para a população indígena e branca em geral (exceto para mulheres) e, educação média e superior religiosa para homens da classe dominante. Mais tarde, a educação escolar foi voltada para a formação política dos homens. Em 1759, aconteceu a expulsão da Companhia de Jesus de Portugal e, conseqüentemente, do Brasil. Desta forma, a estrutura e a organização do sistema educacional passou a ser de ensino público, financiada pelo Estado. Em 1808, inaugurou-se o ensino superior no Brasil com a Academia Real da Marinha, focado na defesa militar. Muitos professores ainda tinham formação jesuíta e, com a lei de 15/10/1827, para ser professor era necessário prestar um exame, porém ainda não se exigia formação pedagógica (Ranghetti, 2008).

De acordo com a pesquisa intitulada “Perfil dos professores do Brasil”, realizada pela Unesco em 2004, os profissionais da educação hoje formam o terceiro grupo com mais trabalhadores do país, ficando atrás dos escriturários e dos trabalhadores dos setores de serviços. Comparando os três setores, os professores são os que possuem o maior grau de instrução. O poder público é o maior empregador dos docentes com cerca de 83%. Destes, 77,6% estão na educação básica, a maioria é formada por mulheres, que ocupam 81,3% dos postos de trabalho. A proporção aumenta gradativamente nos níveis mais baixos de escolarização: na educação infantil 98%; no ensino fundamental 88,3% e, no ensino médio 67%. Quanto a etnia, 61,3% se declaram brancos e, a proporção de não brancos também varia segundo os níveis de escolaridade, aumentando nos níveis de escolaridade mais baixo. O

número de profissionais declarados não brancos na educação infantil foi de 42%; no ensino fundamental 42% e no ensino médio foi de 32%. A proporção de professores com apenas um vínculo de trabalho na educação infantil foi de 88,4%; no ensino fundamental de 82% e no ensino médio de 75%. A jornada de trabalho média é de 30 horas semanais. Dos que se declaram chefes de família 72,7%, são homens (PNAD, 2006).

1.2 A realidade da sala de aula

O cotidiano da sala de aula é um grande desafio para os professores, além de lidar com os conteúdos pedagógicos precisam estar atentos a todo o contexto que envolve a escola, e o processo educacional. Segundo Codo e Gazzotti (1999) o trabalho do professor tem como objetivo a aprendizagem dos alunos. Para que isto ocorra alguns fatores são necessários, a capacidade intelectual e o desejo de aprender do aluno e, a capacidade de transmitir os conteúdos de seu conhecimento por parte do professor, além do apoio extraclasse por parte dos familiares. Existe também um fator crucial que é “a afetividade”. Ou seja, o professor se dispõe a ensinar e os alunos a aprender, formando assim, um jogo em que o professor tem que conquistar a atenção e o despertar do interesse do aluno para o conhecimento que ele está ensinando. Somente estabelecendo este vínculo afetivo é que ocorre o processo de ensino-aprendizagem.

Os educadores vêm sofrendo de uma crise de identidade entre o saber e o saber fazer, entre a competência para lidar com as exigências cada vez maiores do mundo atual e uma realidade social cada vez mais deteriorada. Aspectos estruturantes da identidade profissional dos educadores, como sua formação e o seu papel social, estão sendo questionados. Com a reestruturação do sistema capitalista e a modernização, não se sabe como preparar os professores, qual o seu papel na educação e qual o papel da instituição escolar. No passado, ser professor era carregado de orgulho profissional, a profissão tinha um prestígio social. A crise da identidade do educador ocorre quando ele perde a sua referência, do que e como ensinar (Codo, 1999). O autor cita como problema central a formação do educador, processo em que ele se apropria do saber e do saber fazer. O ato de educar exige que o educador estabeleça um vínculo afetivo e emocional com o aluno, colocando à prova sua competência na condução do processo de ensino aprendido, em um trabalho teorizado, pensado e planejado com materiais didáticos e métodos corretos, utilizando os recursos do ensino adequados para abordagem com cada tipo de aluno e na relação com os familiares dos alunos.

Macaia (2013) encontrou dois estudos que analisaram as políticas pedagógicas, pós 1990, e aponta que as mudanças repercutiram em uma perda do sentido profissional para o professor com conseqüente adoecimento, principalmente mental e aponta dois aspectos como principais resultados desta perda o papel da escola e o significado de controle/ autonomia do professor. Apontam também que a escola de hoje não é a mesma que a do passado, mas os professores atuais repetem as mesmas práticas. Há sinais de crise na educação, posterior a mudanças sociais e econômicas de 1990, a sociedade mudou e o papel do professor também,

mas os professores não foram preparados para acompanhar essas mudanças, ainda comparam e esperam que a educação seja como antigamente. Já Paparelli (2009), menciona que o trabalho do docente é uma atividade na qual ele tem que ser sujeito de seu trabalho, com suas técnicas e métodos de ensino, o saber que é transmitido/ reinventado a cada encontro entre aluno e professor, que enquanto objeto de trabalho se incorpora ao aluno e transforma o professor. O professor vive uma permanente tensão em seu trabalho, pois, além de ser entre o docente e o aluno que o processo de aprendizagem acontece efetivamente, ele é colocado no lugar institucional, de quem deve obedecer aos especialistas/ superiores em pensar e planejar a educação.

A realidade do trabalho nas escolas pode facilitar ou dificultar o trabalho dos professores, o 'como ensinar'. Essa realidade inclui: a relação com os colegas, os recursos que a escola possui, os problemas da escola, a violência, a gestão adotada, e então o professor rapidamente tem que se adaptar a essa realidade e seus contratempos. O professor vai aprendendo que as relações sociais, com os colegas, no trabalho podem facilitar ou dificultar seu querer fazer. Essa realidade lhe é imposta e é necessário aprender a lidar com ela, ficar atento ao que se pode falar e ao que se deve calar na instituição em que trabalha.

Talvez terá que aprender que o problema para essa organização não é que os professores não saibam ensinar, mas pelo contrário, que desejam ser competentes, que de fato eles sejam. Pode acontecer inclusive que seja coagido pelo grupo a ocultar sua competência (Batista e Codo, 1999).

Os professores também têm que aprender que existe uma falha na infraestrutura das escolas, onde os recursos nem sempre estão presentes e que isso demanda maior esforço em seu trabalho, maior quantidade de tarefas a serem realizadas, podendo comprometer a qualidade do ensino. Os poucos recursos, ou a falta deles, limitam a preparação das aulas e pode influenciar negativamente os resultados do aprendizado, levando os professores a questionarem sua competência profissional. Não são poucas as vezes em que o professor lida com crianças atraídas pela socialização das ruas, enfrentando situações que não conhecem ou que conhecem pouco, com a falta de participação destes no aprendizado, também lidam com a situação da sua pouca remuneração, das jornadas duplas em seu trabalho.

Uma pesquisa realizada entre 1990 e 1995, sobre o abandono do magistério público na rede de ensino do Estado de São Paulo, com o principal objetivo de compreender a experiência profissional dos professores. O estudo observou que neste período houve um aumento de 300% nos pedidos de exoneração do magistério e as análises evidenciaram que os baixos salários, as situações precárias, a insatisfação no trabalho e o desprestígio profissional

estão entre os fatores que mais contribuíram para que os professores deixem a profissão docente. Evidenciaram também que é um processo que acontece lentamente e por meio de diversos mecanismos pessoais e institucionais que os docentes utilizam, até que ocorra o abandono definitivo (Lapo e Bueno, 2003).

Em sua tese, Paparelli (2009) comenta sobre a desesperança dos professores quando ocorre alguma mudança em sua realidade profissional e com relação a situação de precariedade que a educação se encontra. E fala do mal estar entre os docentes caracterizados pelas condições e sobrecarga de trabalho, pela falta de apoio dos pais dos alunos, pelo sentimento de inutilidade diante do trabalho que realizam, pela falta de relacionamento interpessoal dentro do ambiente de trabalho, pelos baixos salários e, claro, pela forma como é organizado o sistema educacional. Na tentativa de se livrarem desse mal estar, alguns profissionais assumem uma postura defensiva que podem ir desde comportamentos agressivos, queixas constantes, críticas excessivas, até o distanciamento do ambiente, restringindo o convívio com os alunos, colegas e diretores ao mínimo possível.

A sociedade talvez tenha deixado de acreditar na educação como sendo uma promessa para um futuro melhor, a profissão é enfrentada pelos professores com uma atitude de desilusão e/ou de renúncia, que se desenvolveu paralelamente com a degradação da imagem social de sua categoria profissional (Esteve, 1995). Atualmente, ensinar é diferente do que era há vinte anos e, fundamentalmente, porque hoje os problemas vão além da sala de aula, como por exemplo, os problemas sociais que as crianças levam consigo. Muitos professores não souberam redefinir seu papel perante essa nova situação, daí o desencanto que atinge a muitos. Apesar de todas essas situações, de todos esses problemas, o trabalho do professor, o ensino-aprendizagem tem que acontecer. Ele não apenas tem que saber ensinar, saber fazer, mas tem que fazer com competência (Codo, 1999).

Pensando no trabalho dos professores, pode-se ver que os mesmos também podem ser acometidos por esses sentimentos e que, a insatisfação gerada por esses sentimentos pode ser uma fonte das patologias que os professores vêm desenvolvendo. Um primeiro ponto que abordaremos, diz respeito à insatisfação no trabalho. Dejours (1994) faz referência aos sentimentos do trabalhador e cita a vergonha, a falta de imaginação ou inteligência e despersonalização. Segundo Codo (1999), despersonalização é “uma tentativa de resolver o impasse pela eliminação psicológica de um dos lados”, se o professor deixar de considerar seus alunos como indivíduos, sendo indiferente aos mesmos, não entrarão em conflito aula por aula e encontrarão uma maneira de enfrentar a situação. Outro ponto da teoria de Dejours (1994), diz respeito aos conteúdos ergonômicos do trabalho, podemos pensar no ambiente de

trabalho dos professores, nas escolas ou basta observar mais próximo uma escola para sabermos quão salutar é este ambiente, com diversas reclamações em relação ao barulho, à falta de materiais básicos e, a falta de cuidados com os trabalhadores.

1.3 Mal-estar docente, o sofrimento na sala de aula

Antes de falar sobre mal-estar, retoma-se aqui sobre o conceito de saúde e bem estar. Para a Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OMS) só é possível ter saúde quando há um completo bem-estar físico, mental e social. Múltiplos fatores sociais, psicológicos e biológicos determinam o nível de saúde mental de uma pessoa. A saúde mental prejudicada pode estar associada às rápidas mudanças sociais, condições de trabalho estressantes, discriminação de gênero, exclusão social, estilo de vida não saudável, risco de violência, problemas físicos de saúde e violação dos direitos humanos, questões de pobreza e baixos níveis de escolaridade. A saúde mental é parte integrante e essencial da saúde; um estado de bem-estar, no qual um indivíduo pode realizar suas habilidades, lidar com as tensões normais da vida, trabalhar de forma produtiva e contribuir para a comunidade. Saúde mental e bem-estar são fundamentais para nossa capacidade coletiva e individual, como seres humanos, para pensar, nos emocionar e interagir uns com os outros. Nesta base, a promoção, proteção e restauração da saúde mental podem ser consideradas como uma preocupação vital dos indivíduos, comunidades e sociedades em todo o mundo. Em Novembro de 1986, em Ottawa - Canadá, ocorreu a Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, que apresenta neste documento sua Carta de Intenções (ANEXO 6). Nesta Conferência, as discussões localizaram principalmente as necessidades em saúde nos países industrializados, embora também tenham considerado necessidades semelhantes de outras regiões do globo.

Falando do mal estar docente, pensamos a respeito dos males que os professores vêm apresentando em sua trajetória. A expressão mal-estar docente, aparece na literatura pedagógica, como o conjunto das reações de um grupo profissional desajustado devido à mudança social. Segundo Esteve (1999), perante os males do ensino, o mal-estar docente não deve ser entendido como benevolente, devido os efeitos das mudanças sociais, mas sim como maneiras de ajudar os professores a eliminar o desajustamento, repensando seu papel; chamar a atenção da sociedade, para que compreendam as novas dificuldades e apoiem os professores; traçar formas de intervenção para desenvolverem melhores condições de trabalho. Os professores passam por muitas situações em sala de aula, que podem ser geradores de sofrimento e mal-estar. Em relação ao sofrimento Dejours (1994) menciona que:

Quando o rearranjo da organização do trabalho não é mais possível, quando a relação do trabalhador com a organização do trabalho é bloqueada, o sofrimento começa: a energia pulsional,

que não acha descarga no exercício do trabalho, se acumula no aparelho psíquico, ocasionando um sentimento de desprazer e tensão (Dejours, 1994).

De acordo com Macaia (2013), ambiente de trabalho é o conjunto de condições reais de vida no trabalho e parte integrante da vida das pessoas no meio social. As condições de vida nesse meio compreendem as condições de vida no ambiente de trabalho e fora dele, em uma inter-relação complexa, a ponto de ser impossível demarcar uma linha nítida entre ambiente de trabalho e ambiente de vida extratrabalho. O professor geralmente é excessivamente comprometido com o trabalho e com os diversos papéis profissionais dentro da escola. O excesso de comprometimento no trabalho envolve não só a relação com o aluno e suas necessidades, mas também as dificuldades em se afastarem das obrigações do trabalho em momentos de descanso e lazer, o que acaba por desencadear sentimentos como necessidade de aprovação, competitividade, hostilidade, impaciência e irritabilidade. As experiências e saberes dos trabalhadores envolvem o modo como eles enfrentam seus problemas e identificam soluções no cotidiano de suas vidas de trabalho, podendo modificar o ambiente de trabalho desde que tenham autonomia e participem da investigação sobre as causas dos agravos a saúde. Conhecimento e subjetividade garante ao professor o papel de sujeitos na definição do que deve haver de melhoria em suas condições de trabalho e saúde, conduzindo mudanças no limite do possível, visando a preservação da saúde.

De acordo com Dejours (1999), o trabalho possui efeitos demasiadamente poderosos sobre o sofrimento psíquico ou o trabalho contribui para piorar o sofrimento, levando o indivíduo progressivamente à loucura ou, ao contrário, o trabalho colabora para subverter o sofrimento, para transformá-lo em prazer, a ponto de, em alguns casos, ser mais fácil para o indivíduo que trabalha defender sua saúde mental, ao invés da pessoa que não trabalha. Segundo Freud (1927-1931), a possibilidade de felicidade provém da satisfação de nossas escolhas, de nossas preferências. Já a infelicidade, o sofrimento, provém de três diferentes fontes: do poder superior da natureza ou, da fragilidade de nossos próprios corpos ou, da inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos com os seres humanos no âmbito familiar e na sociedade. Ou seja, uma das formas de explicar o sofrimento é que ele advém a partir do mundo externo, das relações com o outro e, diante deste sofrimento, a tendência de defesa é o isolamento voluntário, mantendo distância de outras pessoas e vivendo a felicidade da quietude. Outra forma de explicar este processo é considerar a realidade como única fonte de sofrimento e, para buscar de certo modo ser feliz, é necessário que o ser humano rompa todas as relações com essa realidade, assim como faz o monge.

O sofrimento psíquico resulta de um jogo, em que a rotina diária nas escolas impõe na realização do afeto e emoção que o trabalho demanda dos professores. É neste momento que os professores provarão seu conhecimento profissional, de modo a produzir um significado para o estímulo e sofrimento que geralmente as atividades de trabalho exigem (Batista e Codo, 1999). Já Dejours (1994) nos relata que, quando todas as possibilidades de liberdade na transformação, gestão e aperfeiçoamento da organização do trabalho se esgotarem, o sofrimento emerge. Ou seja, quando todos os recursos defensivos foram explorados, mesmo assim, o sofrimento começa a destruir o aparelho mental e o equilíbrio psíquico do sujeito, ocasionando, lenta ou brutalmente uma descompensação, mental ou psicossomática, e a doença. O sofrimento é uma das formas que denunciam o mal-estar docente, que vem sendo pesquisado há muito tempo, conforme afirma Esteve (1999):

Desde muito tempo vem-se utilizando o tópico mal-estar docente, empregando esta expressão como a mais inclusiva das utilizadas na bibliografia atual para descrever os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência (Esteve, 1999).

Com o avanço da prática docente, o professor tem enfrentado dificuldades reais e a imagem ideal que esse mesmo professor tem de sua profissão, acaba por entrar em crise. Segundo Esteve (1999) existem dois fatores desencadeadores de mal-estar docente, os fatores primários ou principais e fatores secundários ou contextuais. Fatores primários ou principais referem-se aos aspectos ligados inteiramente às ações dos professores em sala de aula que promovem conflitos, alguns exemplos desses fatores são: a violência contra os professores, os problemas de conservação dos edifícios, a falta de recursos, o desemprego, o esgotamento e a acumulação de exigências sobre a profissão. Já os fatores secundários ou contextuais referem-se à ação dos docentes, às modificações do papel do professor e dos agentes tradicionais de socialização, ou seja, o grupo de trabalho que opera indiretamente sobre a imagem do docente.

De acordo com Paparelli (2009), outras fontes de agressão psíquica são os riscos vivenciados como tais pelo trabalhador, cuja existência é negada pelos gestores do trabalho. Esses perigos ocultados geram ansiedade, medo, insegurança e desencadeiam tentativas de negação dos riscos, repressão da ansiedade, modos fatalistas e depressivos. Há também uma descrença dos profissionais de saúde sobre a existência de uma relação entre saúde mental e trabalho, não considerando que o desgaste no trabalho possa causar um adoecimento no profissional, em termos físicos, fisiológicos e psicossociais. Macaia (2013), menciona que a

falta de apoio social de gestores e colegas de trabalho para resolução dos problemas pode acarretar no excessivo comprometimento no trabalho, que diminui o poder de agir do trabalhador diante de exigências e demandas do trabalho. Esta é uma realidade da prática diária dos professores, em que sofrem diversas influências externas e que agem diretamente em seu trabalho, e, em grande parte dos casos não foram preparados, em sua formação, para os problemas que estão enfrentando.

Esteve (1999) classifica as principais consequências do mal estar como sendo: sentimentos de desconcerto e insatisfação diante problemas reais da prática docente, contradizendo com a imagem ideal; desenvolvimento de esquemas de inibição como forma de aprimorar o trabalho; pedidos de transferência como forma de fugir dos conflitos; desejo manifesto de abandonar a docência; absenteísmo laboral para amenizar o acúmulo da tensão; esgotamento e cansaço físico permanente; ansiedade; estresse; depreciação do eu e auto recriminação, diante da sensação de incapacidade de ensinar; ansiedade, como estado permanente, associado aos diagnósticos de doença mental; neuroses reativas; e depressões. O autor menciona ainda que o encontro de uma prática pedagógica afastada dos ideais pedagógicos assimilados durante a formação, pode fazer com que os professores tenham reações distintas, que vão desde sentimentos contraditórios sem esquemas de atuação prática entre ideais e realidade; negação da realidade por não suportar esta; ansiedade ao se deparar com a falta de recursos versus sua vontade de ensinar, até a aceitação do conflito como realidade sem lutar.

Assim, os professores, pelo conjunto dos fatores sociais e psicológicos que consideramos, sofrem as consequências de estarem expostos a um aumento de tensão na sua atividade laboral; cuja dificuldade tem vindo a aumentar fundamentalmente pela fragmentação dessa mesma atividade e aumento das responsabilidades que se lhe exigem sem que tenham sido dotados dos meios e condições necessários para responderem adequadamente (Esteve, 1999).

A expressão mal estar docente vem sendo utilizada para descrever os efeitos negativos, psicológicos e sociais, que a mudança social acelerada causa na categoria de professores. Esteve (1999) enumera 12 indicadores de mudanças ocorridas na educação, que colaboram para o surgimento do mal estar nos professores:

- aumento das exigências em relação ao professor;
- inibição educativa de outros agentes de socialização;
- desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola;
- ruptura do consenso social sobre a educação;

- aumento das contradições no exercício da docência;
- mudança de expectativa em relação ao sistema educativo;
- modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo;
- menor valorização pessoal do professor; mudanças dos conteúdos curriculares;
- escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho;
- mudanças na relação professor e aluno;
- fragmentação do trabalho do professor.

Esteve (1999) salienta ainda que, entre os elementos que contribuem para o mal estar docente encontra-se o progresso contínuo do saber, pois, além da necessidade de se manter atualizado, para evitar o repasse de conteúdos defasados, torna-se cada vez mais difícil o domínio de disciplinas específicas. Assumir funções exigidas pela demanda do contexto social, exige dos professores o domínio de inúmeras competências pessoais, o que não pode se resumir no âmbito da acumulação de conhecimentos.

Em relação às condições de trabalho e as novas demandas, sejam da sociedade ou do próprio sistema educacional, na formação dos professores não existe o investimento necessário; o governo não consegue garantir os investimentos financeiros necessários para proporcionar uma educação com qualidade e a sociedade já não valoriza ou apoia como antes estes profissionais. Com isso surge um sentimento de indignidade por parte dos professores, por perceberem que não estão sendo valorizados o quanto acham que deveriam, o quanto seus alunos não têm interesse e o quanto seus superiores não enxergam ou apoiam o trabalho realizado com tantas dificuldades. Esses profissionais acabam por ter um sentimento de inutilidade. Segundo Dejours (1992), é do contato forçado com um trabalho desinteressado que nasce uma imagem de indignidade e, esse sentimento de inutilidade remete, primeiramente, à falta de qualificação e de finalidade do trabalho.

Todo o sofrimento nada mais é do que uma sensação e só existe na medida em que o sentimos e só o sentimos como resultado dos modos pelos quais nosso organismo está regulado Freud (1996).

Percebe-se que, desde seu início, esta profissão passa por desafios, por crises, em uma tentativa de superar os obstáculos do seu cotidiano. Ser professor envolve dedicação, interesse, vocação e certa dose de resiliência para lidar com as frustrações. Entretanto, nem todos os professores conseguem resistir aos percalços da profissão, o que acaba gerando mal estar, caracterizados por licenças médicas com vários diagnósticos de saúde, patologias estas que vem afastando nosso professorado das salas de aulas. Mas porque eles estão adoecendo?

Segundo a reportagem exibida em 24/03/2016 pelo Jornal Estadão, a Rede de Ensino Estadual de São Paulo concede 372 licenças médicas a professores por dia. No ano de 2015, foram cerca de 136 mil afastamentos médicos concedidos. Dos 220 mil docentes da rede, 48 mil (21,8%) saíram de licença ao menos uma vez. A principal causa de afastamento são transtornos mentais e comportamentais, responsáveis por 27,8% dos casos. Os dados foram obtidos pela reportagem por meio da Lei de Acesso à Informação. A carreira docente é considerada estressante por ter más condições de trabalho, alta carga horária, conflitos com os alunos e acúmulo de mais de um emprego. O Relatório do Ministério do Trabalho e da Previdência Social de 2015, nos mostra que transtornos mentais estão entre os quatro principais motivos para conceder benefícios previdenciários no País.

É importante entender esse contexto escolar onde o mal estar vem se instalando, caracterizados por esses transtornos, pelos afastamentos da sala de aula, levando os docentes a readaptação funcional e pelo sofrimento de uma categoria, ou seja, pela realidade vivida todos os dias nas escolas públicas. O estado de São Paulo possui a maior rede de ensino do país. A secretaria da educação possui cerca de 290 mil servidores, sendo que, aproximadamente 230 mil são professores. Com toda essa população de servidores, existem aqueles que, por circunstâncias da vida pessoal ou laboral, acabam desenvolvendo patologias que os afastam da sala de aula. Sendo assim, existe um número imenso de professores que saem de licença por motivos de saúde e que, dentro desse grande contingente, muitos não retornam à sala de aula e passam por um processo longo que vem a terminar na readaptação. Sobre a readaptação, o artigo 1º da Resolução SE-12, de 18-3-2014 - Decreto nº 58.032/2012, da Secretaria da Educação do estado de São Paulo, diz que o integrante do Quadro do Magistério – QM poderá ser readaptado, desde que, se verifique alteração em sua capacidade de trabalho, por modificação do estado de saúde física e/ou mental, comprovada mediante inspeção médica, a ser realizada por intermédio da Secretaria da Educação.

Os transtornos mentais e do comportamento mais referidos pelos professores são os episódios depressivos e as reações ao estresse grave e transtorno de adaptação. E, o retorno, às mesmas condições de trabalho ou mudanças de função, sem o devido acolhimento da instituição escolar e da política de readaptação influencia na evolução dos quadros clínicos, com piora dos sintomas, provavelmente devido a longos períodos fora da sala de aula (Macaia, 2013).

Esteve (1992) descreve Burnout como um ciclo degenerativo da eficácia docente. E esgotamento como uma consequência do mal estar docente, um conjunto de resultados

negativos que afetam o professor a partir da ação combinada das condições psicológicas e sociais em que se exerce sua docência.

1.4 Estresse e Burnout

Para alguns pesquisadores, o mal estar afeta com maior frequência os profissionais das áreas da educação e saúde. As dificuldades citadas anteriormente são fatores que, quando não cuidados, são desencadeadores de mal estar, estresse e Burnout. O termo estresse foi utilizado primeiramente por Hans Selye em 1936 e foi definido como sendo uma resposta não específica do corpo a qualquer solicitação. De acordo com Lipp e Malagris (2001) o estresse é um complexo processo do organismo (em seus aspectos químicos, físicos e psicológicos), originado pela forma em que estímulos internos e externos - os chamados estressores - são percebidos e interpretados pelo indivíduo, causando desequilíbrio interno e exigindo uma resposta de adaptação do organismo:

Uma reação do organismo com componentes físicos e/ou psicológicos, causadas pelas alterações psicofisiológicas que ocorrem quando a pessoa se confronta com uma situação que, de um modo ou de outro, a irrita, amedronta, excita ou confunde, ou mesmo que a faça imensamente feliz (Lipp e Malagris, 2001).

O estresse se desenvolve como uma reação a um estímulo estressor e que implica um processo de adaptação que se manifesta com mudanças nos níveis hormonais, em muitos órgãos (Esteve, 1999). De acordo com Lipp e Malagris (2001), o estresse se desenvolve em etapas ou fases, anteriormente, pensava-se que o stress se desenvolvia somente em três fases: alerta, resistência e exaustão. Novos estudos identificaram a existência de outra fase denominada “quase exaustão”, formando a teoria do modelo quadrifásico para o desenvolvimento do stress. Na primeira etapa ou fase do alerta, o ser humano se satisfaz por meio da produção da adrenalina, preservando a sobrevivência e a sensação de plenitude; é a fase positiva do estresse. Na segunda etapa ou fase da resistência, a pessoa tenta driblar os agentes estressores e manter seu equilíbrio interno; se os efeitos estressantes persistirem ou aumentarem sua intensidade, a pessoa passa para a terceira etapa ou fase da quase exaustão. Nesta fase, dá-se o início do adoecimento, os órgãos mais vulneráveis começam a dar sinais de danificação e a depressão pode se desenvolver. Caso não aconteça a extinção dos agentes estressores ou novas estratégias de enfrentamento, o estresse atinge a última etapa ou fase da exaustão, doenças mais graves também podem se manifestar nos órgãos mais vulneráveis e a depressão pode se agravar.

O termo Burnout foi desenvolvido na década de 1970, nos Estados Unidos, por Freudenberg, que observou muitos voluntários com quem trabalhava e que apresentavam

um processo gradual de desgaste no humor e desmotivação, acompanhado de sintomas físicos e psíquicos que denotavam um particular estado de estar exausto. Burnout é uma composição de Burn (que significa queima) e Out (que significa exterior) e aparece como reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos, já que cuidar exige tensão emocional constante, atenção perene e grandes responsabilidades profissionais a cada gesto no trabalho. Podemos resumir a situação da seguinte maneira: o trabalhador se envolve afetivamente com os seus clientes, desgasta-se, não aguenta mais, desiste, entra em Burnout.

A importância da percepção do próprio trabalho como útil à sociedade tem valor inegável para a autoestima do trabalhador, para a forma como se estrutura sua identidade (Esteve, 1999). O autor aponta para dois tipos de professores: o professor que realiza muito mais atividades do que as condições de trabalho permitem e comparece no meio social compondo o futuro de muitos jovens que, antes deles, nem sequer poderiam sonhar e, o outro tipo de professor é o que está cansado, abatido, sem vontade de ensinar e que desistiu. O que nos interessa aqui são estes professores que desistiram e entraram em Burnout, que surge quando o professor esgota seus recursos pessoais ou estes são insuficientes para atender ao excesso de demandas existentes na escola. A esses docentes faltam estratégias de enfrentamento das situações do cotidiano escolar.

O Burnout começou a ser estudado na década de 70, nos Estados Unidos, expandindo mundialmente nos anos posteriores (Benevides-Pereira, 2012), a síndrome de Burnout é desencadeada pelo estresse ocupacional crônico. É uma forma. Vários estudos foram realizados e muitas concepções foram lançadas, porém, a que define melhor esta síndrome é resultado de sintomas constituídos por exaustão emocional, despersonalização ou desumanização e falta de realização pessoal no trabalho:

- Exaustão emocional é considerada a dimensão central da síndrome de Burnout e a principal representante do estresse ocupacional. Remete ao esgotamento, tanto físico como mental. É a sensação de estar sem ou com pouca energia para as atividades cotidianas, em especial as relacionadas ao trabalho. Vários sintomas podem ser relacionados com a exaustão emocional: transtornos do sono, dificuldade de atenção, lapsos de memória, insônia, problemas cardiovasculares, perturbações gastrointestinais, ansiedade, depressão entre outros.

- Despersonalização ou desumanização revela o desenvolvimento de atitudes e comportamentos característicos como sendo de pouco interesse ou envolvimento emocional no trato com as pessoas e a adoção de cinismo e ironia nas relações.

- Falta de realização pessoal nas atividades ocupacionais, decorrente de sentimento de ineficiência, insatisfação, reduzindo a autoestima.

O termo Burnout designa um estado de fadiga ou frustração causado pela devoção a uma causa que deixou de produzir a recompensa esperada (Lipp e Malagris, 2001). Não se trata necessariamente do trabalho excessivo, mas de uma falha entre o esforço e a recompensa. Trata-se de um intenso sentimento de frustração e exaustão em relação ao trabalho desempenhado, um stress crônico em profissionais cujas atividades exigem elevado nível de contato com pessoas, as chamadas profissões de ajuda.

2 Objetivo Geral

Descrever e analisar a trajetória profissional de professores readaptados.

2.1 Objetivos específicos

Investigar a inserção profissional e o histórico profissional desses professores.

Analisar a relação de trabalho e vínculos com outros profissionais.

Verificar as dificuldades e gratificações da profissão.

3 Método

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, utilizou o método descritivo para analisar a percepção de saúde na trajetória profissional de professores readaptado de escolas públicas de São Paulo.

Foram realizadas entrevistas com 12 (doze) participantes de ambos os sexos. O pesquisador partiu de questões norteadoras que viabilizavam coletar informações de acordo com os objetivos da pesquisa, no entanto, não foram realizados cortes nas entrevistas, ou seja, os entrevistados puderam falar livremente. Depois foram realizadas as transcrições das entrevistas e selecionados alguns trechos para análise de cada caso. Os entrevistados foram agrupados em categorias, inicialmente há uma discussão do conteúdo da entrevista pautada pela literatura e no final uma descrição da categoria.

3.1 Local

A coleta de dados foi realizada em 10 (dez) escolas estaduais pertencentes à Diretoria de Ensino Sul 3 conforme autorização da instituição (ANEXO 1). Primeiramente, o pesquisador entrou em contato com as escolas para verificar se tinha algum professor em situação de readaptação e, caso positivo, foram apresentados os objetivos da pesquisa e solicitado à participação dos professores readaptados na pesquisa.

3.2 Participantes

O estudo foi realizado com 12 (doze) professores readaptados, de ambos os sexos (sendo 8 mulheres e 4 homens), servidores públicos do ensino fundamental ou ensino médio, integrantes do quadro de servidores da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo.

3.3 Critérios de Inclusão

Os critérios de seleção para inclusão nesta pesquisa foram de professores em situação de readaptação há mais de 01 (um) ano.

3.4 Instrumentos

Foi utilizado um Questionário de identificação dos participantes (ANEXO 4) e feitas perguntas norteadoras para entrevista, que visavam investigar a inserção profissional e o histórico profissional desses professores; analisar a relação de trabalho e vínculos com outros profissionais e, verificar as dificuldades e gratificações da profissão.

3.5 Procedimento

Primeiramente, foi estabelecido contato com a Dirigente Regional de Ensino, da Diretoria de Ensino Sul 3, campo desta pesquisa, com o intuito de explicar os objetivos do estudo, finalidade acadêmica e indicar os aspectos éticos envolvidos e os procedimentos empregados na pesquisa. Foi solicitada à Diretoria de Ensino a autorização para realização da pesquisa com os professores readaptados. Em seguida, foi solicitada autorização do projeto de pesquisa para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Metodista de São Paulo.

A partir da autorização do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Metodista de São Paulo, foi iniciada a pesquisa com as escolas pertencentes à Diretoria de Ensino Sul 3, para levantamento de quais professores se enquadram nos critérios de inclusão. Após, o pesquisador entrou em contato com os servidores que atendem aos critérios de inclusão e foi feito o convite para participarem da pesquisa, explicando a relevância deste estudo, os aspectos éticos envolvidos nas pesquisas com seres humanos, possíveis riscos e desconfortos em participar e esclarecimento de possíveis dúvidas. Feito isso, foi entregue aos participantes uma carta contendo explicações sobre a pesquisa e seu envolvimento ético, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 2), para que leiam e assinem. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi entregue em duas vias, sendo que uma permaneceu com os participantes e a segunda via foi arquivada pelo pesquisador. Posteriormente, foram agendada uma data e horário para realizar a entrevista. As entrevistas foram realizadas individualmente, em áudio, nas escolas em que os professores trabalham e em horário definido pelos mesmos, de forma que não atrapalharam o desempenho de suas atribuições.

Embora, quando foi solicitado a permissão, junto a Diretoria Regional de Ensino Sul 3, para entrar nas escolas e pedido um espaço como uma sala onde pudesse ser realizada a entrevista e não tivesse interferência de terceiros, em nenhuma das escolas foi proporcionado este espaço. Ficou sempre a cargo do entrevistado a definição de onde seria realizada a entrevista, em alguns casos, o ambiente estava tranquilo e não aconteceu interferência, porém, na maioria das entrevistas aconteceu em locais com barulho e em alguns casos até com outras pessoas no mesmo ambiente. Cabe salientar que não se trata de uma crítica as escolas ou a Diretoria de Ensino, porque entendemos que a própria infraestrutura das escolas não disponibiliza tantos espaços para uma prática da que precisávamos.

O pesquisador assume o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa, também

assume o compromisso de que os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados para se atingir o(s) objetivo(s) previsto(s) na pesquisa, conforme declaração de responsabilidade do pesquisador (ANEXO 3). Além disso, compromete-se a respeitar todas as normas e procedimentos da instituição onde será realizada a pesquisa, visando a integração entre a pesquisa e as políticas de funcionamento do local.

Foram realizadas entrevistas em áudio com 12 (doze) participantes de ambos os sexos. Depois foram realizadas as transcrições das entrevistas e selecionados alguns trechos para análise de cada caso. Os entrevistados foram agrupados em categorias, inicialmente há uma discussão do conteúdo da entrevista pautada pela literatura e no final uma descrição da categoria. Os participantes foram agrupados da seguinte maneira: P01, P11 e P12 na categoria “O sonho de ser professor: da vocação ao adoecimento”; P03, P07 e P10 em “Readaptação: da vocação à desilusão”; P04, P05 e P06 em “Desesperança com a situação e descaso dos colegas” e P02, P08 e P09 em “Readaptação solicitada”. Posteriormente à junção e análise dos dados coletados, foi iniciada a discussão e conclusão da pesquisa.

3.6 Tratamento dos dados

Para tratamento dos dados foi utilizado o método de análise de conteúdo (conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens), para analisar toda a formação discursiva do participante desde as formas linguísticas empregadas até as formas atitudinais que se observa em seu discurso. As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em: pré-análise; exploração do material e tratamento e interpretação dos resultados. A pré-análise é a fase destinada à organização, tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, a fim de conduzir um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas. Geralmente, esta fase é constituída por: escolha dos documentos a serem submetidos à análise; a formulação das hipóteses e objetivos e, a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

De acordo com Bardin (2008), desde a pré-análise, devem ser determinadas operações: de recortes do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidade de codificação para o registro dos dados. A exploração do material consiste em uma etapa longa, em que, mecanicamente, o material é codificado, descontado e enumerado, de acordo com as regras já formuladas. Já a fase do tratamento e interpretação dos resultados é a que o analista, tendo a disposição dados fiéis e significativos, propõe inferências e interpretações de acordo com os objetivos propostos ou a novas e inesperadas descobertas.

3.7 Riscos e Benefícios

A pesquisa atendeu aos requisitos descritos na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, por envolver seres humanos, respeitando a integridade do participante, assim como pretende contribuir para que os sujeitos da pesquisa possam beneficiar-se de experiências de promoção de saúde.

Quanto aos riscos mínimos, foi prevista a ocorrência de cansaço físico, mental e/ou reação emocional. Assim, o participante pôde interromper a qualquer momento e desistir, independentemente do motivo, sem sofrer dano algum e, quando necessário, contou com o apoio emocional por parte do pesquisador.

3.8 Aspectos éticos.

Foram explicitadas à Dirigente de ensino da Diretoria de Ensino Sul 3, todas as informações referentes ao desenvolvimento da pesquisa, desde os objetivos e procedimentos, até sua relevância acadêmica e de contribuição social.

Os participantes da pesquisa foram informados que poderiam desistir de participar a qualquer momento e não haveria penalização em função da desistência. Neste caso, o pesquisador garantiu sua não participação sem qualquer constrangimento a este servidor. As pessoas envolvidas neste estudo não foram identificadas em hipótese alguma e, a qualquer momento, puderam desistir de sua participação sem sofrer nenhum dano. Todos os registros das entrevistas ficaram sob a responsabilidade do pesquisador.

4 Resultados e discussão

Foram realizadas as transcrições das entrevistas e selecionados trechos ou fragmentos de cada participante, após este procedimento os participantes foram agrupados em 4 categorias temáticas:

1ª- o sonho de ser professor: da vocação ao adoecimento, nesta categoria três (P1; P11; P12) professores relataram sua experiência e como iniciaram suas carreiras, pensando como era importante ser professor e que, além do desejo, sentiam uma vocação para lecionar.

2ª- readaptação: da vocação a desilusão, nesta categoria três professores relataram sua experiências (P03; P07; P10), como iniciaram movidos por ideais, expectativas e acabaram se desiludindo com a realidade da sala de aula.

3ª- desesperança com a situação e descaso dos colegas, três professores foram classificados nessa categoria (P4; P5; P6), nessas entrevistas destaca-se o descaso com o profissional readaptado, a desvalorização do profissional que não atua mais em sala de aula, apresenta também uma desesperança de que algo possa mudar nessa situação.

4ª- readaptação solicitada, nesta, três professores (P2; P8; P9) relatam a situação em que de repente foram afastados da sala de aula, por meio de um pedido extra-ofício, e readaptados.

Posteriormente às transcrições e selecionados alguns fragmentos das entrevistas de cada participante, foi realizado estudo de cada caso, a discussão e conclusão da pesquisa. A discussão das entrevistas está pautada pela revisão da literatura e em seguida foi feita a caracterização das temáticas. Os dados foram analisados conforme o método descrito.

4.1 o sonho de ser professor: da vocação ao adoecimento

P1 é professora, graduada pela Universidade Anhembi Morumbi do estado de São Paulo, atua na educação há 19 anos e há três anos está readaptada. Desde então, desenvolve uma função na biblioteca.

A entrevista aconteceu na sala da biblioteca onde P1 trabalha, ela atendeu dizendo que não teria muito tempo, mas que poderia conversar sem problemas. A entrevistada se mostrou bem disposta e foi bem receptiva. Iniciou falando de sua experiência na educação e do trajeto que fez para se tornar professora e o quanto foi difícil a adaptação, pois ela era de outra área e teve que mudar de cidade quando assumiu cargo na educação. Morou em Vinhedo - SP, onde

ficou por quatro anos, até retornar para São Paulo-SP. Em sua entrevista, P1 relata sobre a mudança de cidade e como os alunos a tratavam:

“lá no interior era dona disso, dona aquilo, não era professora, chamavam de dona aqui era uma loucura, os alunos eram terríveis, eu olhava aquilo e pensava como vou conseguir?”

Segundo Freud (1927-1931), a possibilidade de satisfação provém de nossas escolhas, de nossas preferências. Já a infelicidade, o sofrimento provém de três diferentes fontes: do poder superior da natureza, da fragilidade de nossos próprios corpos ou, da inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos com os seres humanos no âmbito familiar e na sociedade. Ou seja, uma das formas de explicar o sofrimento é que ele advém a partir do mundo externo, das relações com o outro e diante deste sofrimento, a tendência de defesa é o isolamento voluntário, mantendo distância de outras pessoas e vivendo a felicidade da quietude.

Em sua narrativa, P1 fala do processo de adoecimento, identifica um dos motivos e fala da impotência de não conseguir realizar seu trabalho:

“eu sempre soube lidar com aluno maior, porque na verdade eles já tinham idade para ensino médio, e não para oitava série, então eu conseguia falar com eles direitinho, ainda conseguia lidar bem, mas aquilo me desesperava, porque você não consegue fazer seu trabalho, que desespero, o que me adoecia era isso, não conseguir fazer meu trabalho, ai tenta, tenta e não consegue”.

De acordo com Codo (1999), a crise de identidade do educador ocorre quando ele perde a sua referência do que e do como ensinar. O autor cita como problema central, a formação do educador, o processo em que ele se apropria desse saber e do saber fazer. O ato de educar exige do educador a função de estabelecer um vínculo afetivo e emocional, tendo como objetivo final de seu trabalho: o aluno. É no dia-a-dia da sala de aula que os educadores colocam à prova a sua competência na condução do processo de ensino-aprendizagem, no trabalho teorizado, pensado e planejado...

O processo de readaptação também apresentou dificuldades para a entrevistada por temer ficar longe do contato com os alunos:

“é difícil ser readaptada, para mim era muito difícil porque eu queria alunos, apesar deles serem tão terríveis e me assustarem, eu sou uma professora que amo aluno, meu negócio é aluno”.

Existe uma falha na infraestrutura das escolas, onde os recursos nem sempre estão presentes e que isso demanda maior esforço em seu trabalho, maior quantidade de tarefas a serem realizadas, podendo comprometer a qualidade do ensino. Os poucos recursos, ou a falta deles, limitam a preparação das aulas e pode influenciar negativamente os resultados do aprendizado, levando os professores a questionarem sua competência profissional.

P11 é professor graduado pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), atuando na educação há 14 anos e está readaptado há 2 anos, exercendo função na secretaria. O profissional ficou muito interessado em participar, entretanto, no início mostrou-se muito nervoso, o que foi superado no decorrer da entrevista, que inicia relatando sobre sua inserção profissional e a escolha da educação como campo de trabalho:

“eu sempre fui muito pobre, não é? Um menino pobre então eu acho que eu me espelhava no que eu via e o contato assim com pessoas que para mim eram grandes, eram os professores. Então assim, desde muito jovem eu via os professores e pensava, eu quero ser professor.”

Embora, o desejo de ser professor e a satisfação de conseguir realizá-lo, a realidade da sala de aula mostra que é necessário muito mais, as dificuldades são muitas em sala de aula:

“eu gosto da sala de aula, na verdade hoje a gente não consegue mais dar aula, não porque não queira, mas porque muitas vezes a própria sala de aula não permite, um desinteresse grande.”

De acordo com Esteve (1999), o sofrimento é uma das formas que denunciam o mal-estar docente, que vem sendo pesquisado há muito tempo e desde então vem sendo utilizado, empregando a expressão “mal estar docente” como a mais inclusiva das utilizadas na bibliografia atual para descrever os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência.

O entrevistado ainda sugere outras questões que dificultam o trabalho em sala de aula, contribuindo para a desvalorização, ele diz:

“a raiz do problema eu acho que está muito na situação social que nós vivemos hoje no nosso país, aonde eu acho que o ensino está sendo desvalorizado.”

Não são poucas às vezes em que o professor lida com crianças atraídas pela socialização das ruas, entrando em um mundo que não conhecem ou que conhecem pouco, tendo que cumprir exigências burocráticas, autoritarismo do gesto, ausência de autonomia em seu trabalho, com ansiedade e preocupação dos familiares dos alunos ou com a falta de participação destes no aprendizado; também lidam com a situação da realidade social, de sua pouca remuneração, das jornadas duplas em uma ou mais escolas.

É notório o desgaste de um profissional que experimentou o mal estar da sala de aula. E em suas palavras, carregadas de emoção, o entrevistado relata sua relação com o ambiente escolar e como esse ambiente pode ser hostil:

“então, o ambiente escolar ele me faz mal, mexe com meus nervos, mexe com os meus nervos.”

Na tentativa de se livrarem desse mal estar, alguns profissionais assumem uma postura defensiva que podem ir desde comportamentos agressivos, queixas constantes, críticas

excessivas, até o distanciamento do ambiente, restringindo o convívio com os alunos, colegas e diretores ao mínimo possível (Paparelli, 2009).

Outro aspecto muito relevante na entrevista foi relacionado aos pares, ou seja, aos colegas de profissão e um possível assédio moral que acontece com o profissional readaptado:

“tem gente que me vê na sala dos professores, e diz ai que vida boa hein? Esse é o mal de ser readaptado, mas ao mesmo tempo, eu acho que eu estou fazendo o que alguns não tem coragem de fazer, de assumir uma situação prejudicial para a saúde.”

O professor geralmente é excessivamente comprometido com o trabalho e com os diversos papéis profissionais dentro da escola. O excesso de comprometimento no trabalho envolve não só a relação com o aluno e suas necessidades, mas também as dificuldades em se afastarem das obrigações do trabalho em momentos de descanso e lazer, o que acaba por desencadear sentimentos como necessidade de aprovação, competitividade, hostilidade, impaciência e irritabilidade (Macaia, 2013).

P12 é professor graduado pela Universidade Ibirapuera (UNIB), está atuando na educação há 31 anos e está readaptado há 12 anos, exercendo função na secretaria. O entrevistado antes de aceitar participar da pesquisa perguntou se tinha alguma relação do entrevistador com o Estado, ou seja, se estava pesquisando para o Estado. A resposta do entrevistador foi esclarecendo que se tratava de uma pesquisa para o Mestrado, então o professor disse que assim não teria problema em participar, mais caso contrário como o Estado não fez nada por ele, ele também não fará nada que seja a favor do Estado.

No início da entrevista ele relata a sua inserção na educação e como foi sua escolha pelo magistério:

“Eu fiz História na verdade para me entender e entender o mundo, não foi pra dar aula não. Como era única via ou dar aula ou fazer pesquisa, e fazer pesquisa nesse país é quase impossível porque você tem que ter projeto e tudo, tem que ser aprovado e tudo, então eu caí no Magistério”

Embora o entrevistado tenha relatado que nunca teve problema para trabalhar com público, o estresse do cotidiano da sala de aula acabou o levando para a readaptação:

“na escola eu percebi que essas coisas aconteciam, eu comecei a ficar estressado a ponto de tomar atitudes violentas. Eu joguei a cadeira na parede; peguei no braço de aluno... Coisas que eu jamais pensei que iria fazer na minha vida e acabei fazendo. Foi por essas e outras questões que eu pedi, eu pedi não, me deram a readaptação. Pois eu não pedi, sugeriram”

Ambiente de trabalho é o conjunto de condições reais de vida no trabalho e parte integrante da vida das pessoas no meio social. As condições de vida nesse meio compreendem as condições de vida no ambiente de trabalho e fora dele, em uma inter-relação complexa, a ponto de ser impossível demarcar uma linha nítida entre ambiente de trabalho e ambiente de vida extratrabalho. O professor geralmente é excessivamente comprometido com o trabalho e com os diversos papéis profissionais dentro da escola. O excesso de comprometimento no trabalho envolve não só a relação com o aluno e suas necessidades, mas também as dificuldades em se afastarem das obrigações do trabalho em momentos de descanso e lazer, o que acaba por desencadear sentimentos como necessidade de aprovação, competitividade, hostilidade, impaciência e irritabilidade (Macaia, 2013),.

Em relação à readaptação, o entrevistado não consegue ver nenhum benefício, após se readaptar:

“Mudou que eu fiquei inútil aqui, né?! Ué, minha formação é pra dar aula, se eu não presto pra dar aulas eu presto pra quê?! Pra que eu presto, para fazer favores?! Pequenos favores?! É pra isso que eu presto?! Isso não me satisfaz não. O que me dava “tesão”, prazer de estar em uma escola era estar na sala de aula, se eu não estou na sala de aula, eu estou fazendo o que aqui?”

Macaia (2013) encontrou dois estudos que analisaram as políticas pedagógicas pós 1990 e aponta que as mudanças repercutiram em uma perda do sentido profissional para o professor com consequente adoecimento, principalmente mental. Dois aspectos podem ser apontados como principais resultados, o papel da escola e o significado de controle/ autonomia do professor. A escola de hoje não é a mesma que a do passado, em que os professores ainda tem como base, existem sinais de crise na educação, posterior a mudanças sociais e econômicas de 1990, a sociedade mudou e o papel do professor também, mas os professores não foram preparados para acompanhar essas mudanças, ainda comparam e esperam que a educação seja como antigamente.

A visão que o entrevistado tem da educação se refere a um descaso do Estado, frente a uma questão tão importante para a sociedade:

“A maior dificuldade que eu encontro na Educação é o descaso que existe com a Educação em todo esse país, em geral. Educação e Saúde deveria ser prioridade, mas aqui nesse país tudo é prioridade menos Educação e Saúde. Educação pra mim nesse país nem existe sabe?! Pra mim é um engodo, finge-se que se educa, essa é a grande verdade”

Em sua tese, Paparelli (2009) comenta sobre a desesperança dos professores quando ocorre alguma mudança em sua realidade profissional e com relação a situação de precariedade que a educação se encontra.

Caracterização das temáticas

Nestas entrevistas, percebe-se que os professores mesmo readaptados relataram amar a sua profissão, mas estão em sofrimento devido estar longe da sala de aula, afastado da profissão que tanto sonhou e que se dedicou. Desta forma, será que para estes profissionais a readaptação realmente é a melhor solução? Será que para estes professores existe outra forma de ser feliz, não estando em sala de aula? E a escola, colegas, poderiam ajudar estes professores a superarem as dificuldades e retornarem para sala de aula?

Observa-se o quanto que, antigamente, era desejável e estimável ser professor. As pessoas tinham a necessidade de aprender e o professor tinha o prazer em ensinar. Hoje, com toda a crise na educação, na economia e nas famílias, os professores não conseguem mais seguir com suas lições e ensinamentos da forma como deveriam e gostariam. Por vários motivos, existe uma marginalização desta profissão que, por consequência, acarreta em uma das mais difíceis realidades do professorado, o mal-estar.

É necessário salientar que sempre é mais difícil encontrar novas formas de trabalho após readaptação, uma vez que este professor idealizou uma profissão e um tipo de aluno, que ficou no passado, que mudou com o tempo. Sendo assim, existe sempre um vislumbre da profissão ideal e nostálgica, de um tempo que pode nem ter existido.

O professor percebe que seu rendimento em sala de aula não é mais o mesmo, que os alunos não se interessam mais, que sua função não tem mais o mesmo valor que deveria ter ou o valor que ele dá à sua profissão, transformando a vocação em dor, em sentimentos indesejáveis para com os alunos e em adoecimento. Uma situação em que os professores não reconhecem como sendo parte de sua profissão, não imaginavam que isso poderia acontecer. Uma situação que, conseqüentemente, acaba provocando afastamentos da sala de aula, licenças médicas e readaptações.

4.2 Readaptação: da vocação à desilusão

P3 é professora graduada pela PUC-Campinas. Está atuando na educação há 47 anos. Aposentou-se, mas continua a trabalhar e está readaptada há 12 anos, exercendo a função de auxiliar na coordenação pedagógica. A entrevista ocorreu na sala onde a professora atua, pois a escola não dispunha de outro ambiente para tal, bem como a própria professora verbalizou que não teria problema em conceder a entrevista no local, mesmo com a presença de outros indivíduos. A entrevista iniciou relatando como foi seu ingresso na educação, das diferenças que hoje existem principalmente em relação ao respeito ao professor:

“a gente vê realmente como é hoje, na época em que eu ingressei, ate na época em que eu trabalhei, os alunos ainda respeitavam mais, mas hoje, é mais difícil.”

Segundo Esteve (1995) ensinar hoje é diferente do que era há vinte anos e, fundamentalmente, porque hoje os problemas vão além da sala de aula, como por exemplo, os problemas sociais que as crianças levam consigo. Muitos professores não souberam redefinir seu papel perante essa nova situação, daí o desencanto que atinge a muitos.

No decorrer da entrevista P3 fala que a saída de sala de aula foi difícil, entretanto, acredita que sua readaptação lhe deu a oportunidade de continuar a trabalhar:

“eu continuo, porque já poderia ter me aposentado, eu continuo porque estou fora da sala de aula... então hoje eu não troco aqui por sala de aula, porque estou vendo que eu tenho mais opções de estar trabalhando e de continuar.”

Outra forma de explicar o sofrimento é considerar a realidade como única fonte de sofrimento e, para buscar de certo modo ser feliz, é necessário que o ser humano rompa todas as relações com essa realidade (Freud, 1927-1931).

Na entrevista podemos observar que a readaptação, na opinião da professora, foi benéfica para ela e também trouxe maior qualidade vida, pois proporcionou que ela continuasse a trabalhar mesmo que em outra função:

“olha, não tenho do que reclamar porque senão nessa altura eu já teria me aposentado”.

O trabalho possui efeitos demasiadamente poderosos sobre o sofrimento psíquico: ou o trabalho contribui para o sofrimento, levando o indivíduo progressivamente à loucura ou, ao contrário, contribui para transformar o sofrimento em prazer. Ao ponto de, em alguns casos, ser mais fácil para o indivíduo que trabalha defender sua saúde mental do que para aquele que não trabalha (Dejours, 1999).

P7 é professora graduada pela Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada (FOPS, Estado de Pernambuco). Está atuando na educação há 27 anos e está readaptada há 09 anos, exercendo função na secretaria da escola. A entrevista iniciou na biblioteca, entretanto, após alguns minutos foi ocupada por professores que estavam em horário vago e acabamos indo para outro ambiente. A entrevistada iniciou falando de sua trajetória e da questão que a levou a readaptação e que, antes de ser readaptada, ficou anos saindo em licença e tentando retornar para sala de aula, ficava alguns meses e saía em licença novamente.

“Eu voltava, assim era uma beleza, falava ai meu Deus, agora eu vou. Daqui a pouco começava tudo novamente. Aquela tristeza. Eu cheguei a misturar conteúdo, eu estava explicando e me dava um branco.”

Dejours (1994) menciona que, quando o rearranjo da organização do trabalho não é mais possível, quando a relação do trabalhador com a organização do trabalho é bloqueada, o sofrimento começa: a energia pulsional não acha descarga no exercício do trabalho e se acumula no aparelho psíquico, ocasionando um sentimento de desprazer e tensão.

Após anos nessa situação, entre saídas de licença médica e retornos, a professora acredita que a readaptação melhorou sua condição de vida:

“Melhorou bastante para mim, eu tenho prazer de vir para cá, de acordar de manhã, levantar.”

Segundo Dejours (1992), com relação à qualidade de vida, trata-se de uma expressão de difícil conceituação, tendo em vista o seu caráter complexo, subjetivo e multidimensional, sua efetividade depende de fatores intrínsecos e extrínsecos. Sendo assim, cada indivíduo tem uma concepção diferente de qualidade de vida.

P10 é professor graduado pela Faculdades Integradas de Santo André (FEFISA, Estado de São Paulo), atuando na educação há 25 anos e está readaptado há 13 anos, exercendo função na secretaria. A entrevista aconteceu na própria secretaria. O entrevistado falou de sua inserção profissional, da difícil situação após sua readaptação, do descontentamento com o Estado e com sua condição de readaptado:

“eu acho uma injustiça porque foi trabalhando, foi dando aula que acabei ficando doente.”

Assim, os professores, pelo conjunto dos fatores sociais e psicológicos que consideramos, sofrem as consequências de estarem expostos a um aumento de tensão na sua atividade laboral; cuja dificuldade tem vindo a aumentar fundamentalmente pela fragmentação dessa mesma atividade e aumento das responsabilidades que se lhe exigem sem que tenham sido dotados dos meios e condições necessários para responderem adequadamente (Esteve, 1999).

Apesar do descontentamento com sua condição de saúde, o que o afastou da sala de aula o entrevistado verbaliza que está conseguindo desempenhar bem esta nova função:

“eu venho cuidar da vida funcional, professor, diretor, coordenado, isso me deu um pouquinho mais de motivação para que eu conseguisse superar essa falta de aula.”

As experiências e saberes dos trabalhadores envolvem o modo como eles enfrentam seus problemas e identificam soluções no cotidiano de suas vidas de trabalho, podendo modificar o ambiente de trabalho desde que tenham autonomia e participem da investigação sobre as causas dos agravos a saúde. Conhecimento e subjetividade garante ao professor o papel de sujeitos na definição do que deve haver de melhoria em suas condições de trabalho e saúde, conduzindo mudanças no limite do possível, visando a preservação da saúde (Macaia, 2013).

Uma questão que o entrevistado trouxe é sobre a incerteza de até quando terá que trabalhar e o prejuízo financeiro que tem após a readaptação:

“incerteza de a gente esta trabalhando, não saber o que vai acontecer comigo, eu vou trabalhar mais, a incerteza de não saber, há dois anos que a gente não tem um aumento, com tudo subindo”

O sofrimento nada mais é do que uma sensação e só existe na medida em que o sentimos e só o sentimos como resultado dos modos pelos quais nosso organismo está regulado (Freud, 1996).

Caracterização das temáticas

Estes professores permaneceram em suas funções até o momento do afastamento da sala de aula. Alguns, até se esforçam para continuar, mas acabam por adoecer e são readaptados para outras funções. Os professores não foram ensinados a lidar com o dia-a-dia de um ‘aluno problema’, de um colega doente, de uma instituição escolar falida. Para estes professores, a readaptação aconteceu com um ‘salvamento’ para sua vida funcional. Para quem não consegue mais entrar em sala de aula, ainda existe outra saída, outras tarefas que podem ser feitas, ainda existe vida fora da sala de aula.

Observa-se que, apesar de serem formados pela vocação, pelo desejo de ensinar, estes professores se decepcionaram com o que encontraram em sala de aula. Talvez porque durante a formação são preparados para encontrar uma escola e um aluno ideal e, quando a realidade é cheia de dificuldades e situações que não podem mudar, não sabem lidar, não sabem como continuar. Mas será que estes profissionais ainda se sentem como professores? Será que realmente não sentem falta da sala de aula? Ou o simples fato de estarem dentro da escola alivia sua dor?

Ressalto que, aparentemente, para estes profissionais entrevistados, a readaptação surgiu como uma forma de continuarem trabalhando e sendo úteis na escola. Porém, em alguns momentos, percebe-se tristeza nos olhares ao falarem sobre os alunos e o fato de estarem fora da sala de aula.

4.3 Desesperança com a situação e descaso dos colegas

P4 é professora graduada pela Organização Santamarense de Educação e Cultura (OSEC), atualmente Universidade de Santo Amaro (UNISA), trabalha na educação há 29 anos e está readaptada há 11 anos, exercendo uma função na secretaria. A entrevista ocorreu em uma sala anexa à secretaria escolar, onde a entrevistada desenvolve suas atribuições, a mesma foi muito receptiva com o entrevistador. No início da entrevista foi relatada sua inserção na educação, a entrevistada verbalizou que não tinha ideia de qual curso de graduação fazer:

“eu estava com 26 anos, queria fazer uma faculdade, aí eu escolhi uma fácil de entrar, perto da minha casa, aqui em Grajaú, e fui fazer Estudos Sociais, que estava mais próximo dessa questão de história”

A entrevistada, por um período da vida, viu sua readaptação causada pelo estado e o culpou por ter adoecido:

“eu considerava, entre aspas, o estado meio que culpado do fato de não ter dado certo como professora e aqui a escola também tinha uma diretora, que tinha sérios problemas, era um ambiente ruim, hostil para mim.”

O encontro de uma prática pedagógica afastada dos ideais pedagógicos, assimilados durante a formação, pode fazer com que os professores tenham reações distintas, que vão desde sentimentos contraditórios sem esquemas de atuação prática entre ideais e realidade; negação da realidade por não suportar esta; ansiedade ao se deparar com a falta de recursos versus sua vontade de ensinar; até mesmo a aceitação do conflito como realidade sem lutar (Esteve, 1999).

Questionada se ainda achava o estado culpado, a entrevistada respondeu:

“não, eu acho que é uma série de coisas, inclusive uma questão de personalidade que eu jamais deveria ter feito curso para entrar em sala de aula, em 1998 eu tinha 900 alunos por semana.”

De acordo com Batista e Codo (1999) o sofrimento psíquico resulta de um jogo, em que a rotina diária nas escolas impõe na realização do afeto e emoção que o trabalho demanda dos professores. É nesse momento que os professores provarão seu conhecimento profissional, de modo a produzir um significado para o estímulo e sofrimento que geralmente as atividades de trabalho exigem.

Um ponto que chamou muito atenção durante a entrevista foi referente à culpa pelo adoecimento que a entrevistada apresentou, a vergonha frente aos outros profissionais:

“Eu comecei a faltar, ia algumas vezes e assim foi até chegar em um ponto em que eu não conseguia mais ir”

Dejours (1992) menciona que é do contato forçado com um trabalho desinteressado que nasce uma imagem de indignidade e, esse sentimento de inutilidade remete, primeiramente, à falta de qualificação e de finalidade do trabalho.

P5 é professora graduada pela Faculdade Interlagos (FINTEC), está atuando na educação há 28 anos e, como readaptada há 1 ano desenvolve função na sala de biblioteca. A entrevista aconteceu na sala onde a servidora está trabalhando após a readaptação. Dentre os entrevistados, esta é a pessoa que está readaptada há menos tempo. Iniciou a entrevista falando da inserção na educação e do desgaste sofrido pelo corpo:

“vamos trabalhando, sabe, o corpo vai desgastando, eu sempre trabalhei os três períodos, dava aula manhã, tarde e a noite, vai, vai, vai e chega uma hora que não aguenta a carga pesada.”

O estresse é um complexo processo do organismo (em seus aspectos químicos, físicos e psicológicos), originado pela forma em que estímulos internos e externos - os chamados estressores - são percebidos e interpretados pelo indivíduo, causando desequilíbrio interno e exigindo uma resposta de adaptação do organismo (Lipp e Malagris, 2001).

Após a readaptação, os professores muitas vezes precisam lidar com o descaso de colegas de profissão, que falam abertamente sobre sua condição de saúde do trabalhador:

“então assim, às vezes as pessoas me olham e falam como você não pode fazer? Aqui mesmo tem gente que me critica dizendo que estou boa pra trabalhar.”

Com o avanço da prática docente, o professor tem enfrentado dificuldades reais e a imagem ideal que esse mesmo professor tem de sua profissão, acaba por entrar em crise. Esteve (1999) relata que existem dois fatores desencadeadores de mal-estar docente, os fatores primários, que se referem aos aspectos ligados inteiramente sobre as ações dos professores em sala de aula que promovem conflitos (a violência contra os professores, os problemas de conservação dos edifícios, a falta de recursos, o desemprego, o esgotamento e a acumulação de exigências sobre a profissão) e os fatores secundários que se referem à ação dos docentes, às modificações do papel do professor e dos agentes tradicionais de socialização, ou seja, o grupo de trabalho que opera indiretamente sobre a imagem do docente.

P6 é professora graduada pela universidade Ibirapuera (UNIB. Atua na educação há 27 anos e está readaptada há 3 anos, exercendo função na secretaria. Sua trajetória profissional na educação iniciou em uma empresa privada com a alfabetização de funcionários, sendo assim, a mesma cursou Pedagogia e, no ano que concluiu sua graduação, solicitou desligamento da empresa e migrou para educação. Na entrevista, a professora menciona que um dos fatores mais difíceis de suportar é o descaso dos profissionais da saúde, citando um momento em que ela precisou passar em perícia:

“eles são ótimos, eles vêem que você está mal, vêem o exame, mas falam: Está ótima para trabalhar. Teve um que falou assim pra mim, a senhora veio aqui me pedir licença? A senhora está de rímel, aí fiquei tão nervosa e acabei discutindo com ele, imagina negou minha licença e nem recorrer eu consegui”

Há uma descrença dos profissionais de saúde sobre a existência de uma relação entre saúde mental e trabalho, não considerando que o desgaste no trabalho possa causar um adoecimento no profissional, em termos físicos, fisiológicos e psicossociais (Paparelli, 2009).

A entrevistada entende que sua readaptação foi decorrente da atuação em sala de aula, que talvez pudesse ser evitada se existisse uma prevenção, mas isso ninguém ensina o professor:

“eu nunca trabalhei sentada na minha mesa, eu sempre fui ativa ao lado da criança, o que não foi ensinado, eu poderia como o médico falou: porque você não põe uma cadeira e dá aula? Depois que ele falou isso na perícia, eu falei: eu poderia ter feito isso a vida inteira. Mas quem me ensinou isso?”

Desde seu início, esta profissão passa por desafios, por crises, em uma tentativa de superar os obstáculos do seu cotidiano. Ser professor envolve dedicação, interesse, vocação e certa dose de resiliência para lidar com as frustrações. Entretanto, nem todos os professores conseguem resistir aos percalços da profissão, o que acaba gerando mal estar, caracterizados por licenças médicas com vários diagnósticos de saúde, patologias estas que vem afastando nosso professorado das salas de aulas.

Caracterização das temáticas

Observa-se que estas entrevistas têm em comum uma situação de desesperança com a situação e constrangimento com os colegas de trabalho. Estes profissionais relatam dificuldades em lidar com as piadas e descrença dos colegas de trabalho, dos profissionais da saúde e até deles próprios.

Para estes professores, estar readaptado mostra a fragilidade de sua carreira, de seu conhecimento, de sua vida. Eles foram ensinados a ensinar, mas não a lidar com os problemas do dia-a-dia, não a ajudar uns aos outros, não a prevenir doenças. Será que estimular a prevenção, o diagnóstico precoce evitaria o adoecimento destes professores? Será que um ambiente menos hostil, menos desafiador, mais acolhedor e seguro evitaria a readaptação destes profissionais?

O não estar em sala de aula acaba por perturbar a identidade dos professores. O professor que se readaptou deixa a classe duas vezes: a primeira é a sua própria sala de aula e a segunda é a classe de ser professor, a categoria. Nas entrevistas, os professores que estão readaptados verbalizaram que os colegas não os enxergam como sendo mais professores, deixando até de chamá-los para eventos comuns aos professores, o próprio professor readaptado, muitas vezes, não se enxerga mais como um professor e, diante deste cenário, ainda precisam lidar com o descaso e brincadeiras hostis de colegas de profissão, em alguns casos até de familiares.

4.4 Readaptação solicitada

P2 é professora, cursou magistério e está atuando na área da educação há 35 anos. Está readaptada há 10 anos e exerce uma função na biblioteca. Fui recebido por P2 e fomos até uma sala que estava disponível para realizarmos a entrevista. A entrevistada demonstrou interesse em relatar sua trajetória na educação. A entrevista teve um aspecto peculiar, pois a entrevistada relatou que seu afastamento da sala de aula foi uma decisão de sua diretora e não por uma decisão própria da servidora ou por médica. A entrevistada foi afastada do trabalho com uma licença extra ofício, em que a diretora da escola, entendendo que a professora não tinha mais condições de continuar em sala de aula, entrou com esse pedido de licença. Embora esse processo tenha sido muito doloroso para a professora, esta relatou que no final acabou sendo importante ter saído da sala de aula:

“eu levei pelo lado bom, foi ótimo, hoje ninguém quer dar aula, ninguém aguenta ficar em sala de aula.”

Esteve (1999) menciona que perante os males do ensino, o mal-estar docente não deve ser entendido como benevolente, devido os efeitos das mudanças sociais, mas sim como maneiras de ajudar os professores a eliminar o desajustamento, repensando seu papel, chamar a atenção da sociedade para que compreendam as novas dificuldades e apoiem os professores.

A entrevistada citou alguns motivos porque os professores não estão conseguindo ficar em sala de aula:

“porque as crianças não se comportam, o professor não deve trabalhar só pelo salário, ele tem que ter amor, consciência de que não está trabalhando com objetos e sim com pessoas.”

O trabalho do professor tem com objetivo a aprendizagem dos alunos. Para que isto ocorra são necessários alguns fatores; a capacidade intelectual e desejo de aprender do aluno e, a capacidade de transmitir os conteúdos de seu conhecimento por parte do professor, além do apoio extraclasse por parte dos familiares. Existe também um fator crucial que é “a afetividade”, ou seja, o professor precisa se dispor a ensinar e os alunos a aprender (Codo e Gazzotti, 1999).

Durante a entrevista, percebe-se o quanto é difícil para o profissional se afastar da sala de aula e o quanto sofre com a readaptação:

“teve dia que eu me sentia muito triste, me sentia um lixo, uma pessoa inútil.”

Segundo Codo (1999), a importância da percepção do próprio trabalho como útil a sociedade tem valor inegável para a autoestima do trabalhador, para a forma como se estrutura sua identidade.

P9 é professora graduada Organização Santamarense de Educação e Cultura (OSEC), atualmente Universidade de Santo Amaro (UNISA). Atua na educação há 25 anos e está readaptada há 04 anos, desenvolvendo função na biblioteca. A entrevistada relatou o início da profissão na educação depois de ter trabalhado em outra área e de como escolheu ser professora:

“como toda menina um dia ela quer ser professora, quer imitar a sua primeira professora, eu acho que eu casei um pouco com isso, por isso eu optei, que eu acredito, para vir para a educação, e quando eu entrei na educação, aí sim eu achei que aquilo ali realmente fazia parte da minha vida, do que eu queria, das minhas perspectivas, então eu vi que eu estava no caminho certo né e por 25 anos eu acreditei muito nisso.”

No passado, ser professor era carregado de orgulho profissional, a profissão tinha um prestígio social. Atualmente, com a reestruturação do sistema capitalista e a modernização, isso se perdeu e não se sabe como preparar os professores, qual o seu papel na educação e qual o papel da instituição escolar (Codo 1999).

O sofrimento do professor para sair da sala de aula é muito comum após a readaptação, uma espécie de violência que eles sentem como se fossem arrancados do seu meio:

“comecei a apresentar alguns sintomas que me fariam sair da sala de aula, sair não, porque até hoje meu pensamento é eu não saí, me tiraram.”

Não existe o investimento necessário na formação dos professores, sejam nas condições de trabalho ou nas novas demandas da sociedade ou do próprio sistema educacional; o governo não consegue garantir os investimentos financeiros para proporcionar uma educação com qualidade e a sociedade já não valoriza ou apoia como antes estes profissionais. Com isso surge um sentimento de indignidade por parte dos professores, por perceberem que não estão sendo valorizados o quanto acham que deveriam.

A condição de estar readaptada não pode tirar a condição do indivíduo de ser professor e se sentir professor:

“apesar de ser readaptada, eu me considero professora, eu me formei, eu me tornei, eu sou.”

De acordo com Paparelli (2009), o trabalho do docente é uma atividade na qual o trabalhador tem que ser sujeito de seu trabalho, com suas técnicas e métodos de ensino, o saber que é transmitido/ reinventado a cada encontro entre aluno e professor, que enquanto objeto de trabalho se incorpora ao aluno e transforma o professor.

O dia a dia em uma escola é intenso e cheio de situações que testam o equilíbrio dos professores, os manejos ou reorganização inesperados mexem com o estado emocional dos professores:

“eu achei um desrespeito muito grande fazer isso com um professor, tirá-lo de um ambiente onde ele desenvolvia um projeto, onde ele conhecia os alunos, e tirar aluno e professor, e deslocar para outro lugar como se fossem coisas, objetos e não houvesse ali situações humanas, sentimentos, emoções a serem trabalhados e respeitados.”

Conforme Macaia (2013), a falta de apoio social de gestores e colegas de trabalho para resolução dos problemas pode acarretar no excessivo comprometimento no trabalho, que diminui o poder de agir do trabalhador diante das exigências e demandas do trabalho.

A saúde mental abalada, a doença instalada no professor:

“entrei realmente em depressão, fui várias vezes para aquela psiquiatria do servidor, chorando, eu chegava lá e falava pro médico, eu não sei o que esta acontecendo comigo, porque eu não consigo ficar na sala de aula, então eu passava o dia todo e depois eu comecei a pegar licenças, porque eu não conseguia trabalhar, eu chegava aqui e me dava crise de choro, eu não conseguia conversar com o aluno, comecei a não ter mais equilíbrio para montar aula, para dar aula.”

Podemos resumir a situação da seguinte maneira: o trabalhador se envolve afetivamente com os seus clientes, desgasta-se, não aguenta mais, desiste, entra em Burnout. A esses docentes faltam estratégias de enfrentamento das situações do cotidiano escolar. Esteve (1992) descreve Burnout como um ciclo degenerativo da eficácia docente. E esgotamento como uma consequência do mal estar docente, um conjunto de resultados negativos que afetam o professor, a partir da ação combinada das condições psicológicas e sociais em que se exerce sua docência.

P8 é professora graduada pela Organização Santamarense de Educação e Cultura (OSEC), atualmente Universidade de Santo Amaro (UNISA) atua na educação há 27 anos e está readaptada há 12 anos. Neste momento exerce função na sala de biblioteca. A entrevista aconteceu na própria biblioteca e a entrevistada começou falando da sua escolha profissional, que iniciou em uma instituição financeira e quando começou a lecionar descobriu que era isso que gostaria de fazer, até o momento que descobriu que seria readaptada, onde saiu, ou melhor, foi tirada da sala de aula:

“Aí é que foi duro, não é, você vai a uma perícia, não sabe o que aconteceu, voltou e já não é mais, não tem seu cargo, não tem seus alunos, não tem mais nada, você ficou sem nada”

O professor vive uma permanente tensão em seu trabalho, pois, além de ser entre o docente e o aluno que o processo de aprendizagem acontece efetivamente, ele é colocado no lugar institucional de quem deve obedecer aos especialistas/ superiores, em pensar e planejar a educação (Paparelli, 2009).

A entrevistada relata o quanto é difícil a readaptação e como se sentiu sozinha no início desta nova fase da sua carreira profissional:

“é uma época em que o professor precisa de apoio, sabe, ele fica solto assim, sem eira, nem beira, sem sala, você fica sem mesa, sem nada”.

Em sua tese, Macaia (2013) aponta que o retorno às mesmas condições de trabalho ou mudanças de função sem o devido acolhimento da instituição escolar e da política de readaptação influencia na evolução dos quadros clínicos, com piora dos sintomas, provavelmente devido a longos períodos fora da sala de aula.

Neste processo ainda vemos o quanto o profissional é deixado de lado após se readaptar o quanto é desvalorizado e se torna quase um ser invisível dentro do seu espaço de trabalho:

“quando você sai readaptado, você é meio deixado de lado, você não presta mais para ser professora, então você é deixada de lado, você não é mais ouvida, o seu tempo já passou, não interessa o que você sente, a sua opinião”

Conforme Paparelli (2009) o mal estar entre os docentes é caracterizado pela falta de condições e sobrecarga de trabalho, pela falta de apoio dos pais dos alunos, pelo sentimento de inutilidade diante do trabalho que realizam, pela falta de relacionamento interpessoal dentro do ambiente de trabalho, pelos baixos salários e, claro, pela forma como é organizado o sistema educacional.

Caracterização das temáticas

Observa-se que, estes professores foram afastados da sala de aula, pois os colegas perceberam sua falta de aptidão naquele momento, sendo em função disso mais tarde, readaptados. Nestas entrevistas fica demonstrado que, quando lhe é tirado o que você mais gosta de fazer, o sentimento de indignação prevalece. No entanto, em alguns casos o profissional em sofrimento não consegue ter a noção que não está bem para continuar a exercer sua função com propriedade. São momentos muito delicados e, mesmo contra sua vontade, ele acaba sendo afastado da sala de aula. Em uma das entrevistas realizadas, uma professora relata que se sentiu violada em seu direito de lecionar e, por outro lado, viu como uma perseguição que sofreu na escola. Porém, após muito tempo, acredita que, mesmo sendo da forma que ocorreu, a readaptação foi melhor para ela. Temos que considerar que é sempre difícil para uma pessoa que está implicada em seu trabalho ver que não está bem e que o trabalho está lhe causando sofrimento.

Nas entrevistas realizadas é possível que alguns professores desqualificam a readaptação. Poucos conseguem pensar que a readaptação os ajuda de alguma forma, desenvolvem um trabalho que o dignifica, que lhe dá prazer, mesmo longe da sala de aula, conseguem pensar em outras maneiras de educar e também podem pensar em um modelo diferente de educação. Entretanto, apesar de estarem desenvolvendo outras funções, muitos não enxergam a readaptação como uma forma de repensar, reaprender, inovar em sua profissão, ainda que a readaptação tirou ou matou o profissional que lecionava, eles ainda pensam no modelo arcaico da educação onde, para ensinar é necessário estar dentro da sala de aula, onde todos sentam-se enfileirados e olhando para frente, tentando absorver todo o conteúdo que o professor passa, em uma visão vertical da educação.

5 Considerações finais

Há, nos relatos dos professores, evidências de idealização da escola, dos alunos, dos familiares dos estudantes e a referência a uma escola pública de elevado padrão educacional, de décadas passadas, que provavelmente não tenha se generalizado na maioria das escolas. Afinal, as dificuldades e desafios no ambiente escolar sempre existiram. Entretanto, a escola ainda é vivenciada de uma forma tradicional e muitos profissionais da educação ainda manifestam o desejo de que ela deveria ser como antes. Muitos professores acreditam que a educação é uma mera transmissão do conhecimento e não uma troca de saberes. Em um mundo globalizado e tecnológico, o aluno pode ser o porta voz de informações e faz-se necessário considerá-las.

A ausência do trabalho em sala de aula acaba por perturbar a identidade dos professores. O professor que se readaptou deixa a classe duas vezes: a primeira é a sua própria sala de aula e a segunda é a classe de ser professor, a categoria. Nesta pesquisa, foi investigada a inserção e as experiências psicossociais desses professores, como foi a escolha profissional destes pelo magistério; o que os levaram até esta profissão, se por vocação ou se por facilidade de ingressar em uma carreira pública; quais as dificuldades iniciais e se houveram; como eles lidaram com todo ambiente que circunda uma escola e com as situações-problema. Foi analisada a relação de trabalho e vínculos com outros profissionais e, pensando no processo de readaptação específico, é sabido que se valoriza o profissional que está atuando em sala de aula, pois, nas entrevistas os professores readaptados verbalizaram sofrerem agressões, situações vexatórias e “brincadeiras de mau gosto” de colegas de profissão. Foram verificadas as dificuldades e gratificações da profissão; a contribuição que a sala de aula trouxe para estes profissionais e suas maiores dificuldades, onde apareceram questões relacionadas a falta de respeito com a figura do professor, a violência em sala de aula e descaso do Estado com a categoria. Já os ganhos que tiveram na profissão, estão relacionados aos encontros que tiveram com ex-alunos, muitos anos após a formação destes e o orgulho em saber que contribuíram para a vida profissional e pessoal destes ex-alunos.

Os professores, participantes deste estudo, em geral, desconsideram as limitações da infraestrutura das escolas, onde os recursos nem sempre estão presentes e que isso demanda maior esforço em seu trabalho, maior quantidade de tarefas a serem realizadas, podendo comprometer a qualidade do ensino. Os poucos recursos, ou a falta deles, limitam a preparação das aulas e pode influenciar negativamente os resultados do aprendizado, levando

os professores a questionarem sua competência profissional. Não são poucas as vezes em que o professor lida com crianças atraídas pela socialização das ruas, entrando em um mundo que não conhecem ou que conhecem pouco, tendo que cumprir exigências burocráticas, autoritarismo do gesto, ausência de autonomia em seu trabalho, com ansiedade e preocupação dos familiares dos alunos ou com a falta de participação destes no aprendizado; também lidam com a situação da realidade social, de sua pouca remuneração, das jornadas duplas em uma ou mais escolas.

Foi possível identificar a tendência dos professores em buscar alternativas individuais para o enfrentamento do mal estar presente no ambiente profissional, o trabalho do grupo de professores com a equipe dirigente e com a comunidade escolar não são assinalados com o devido destaque, como alternativa para a promoção de saúde.

Pensando em sugestões de pesquisas para serem realizadas com essa categoria profissional, poderia avaliar a relação de saúde dos professores que estão iniciando no magistério, sendo assim, acompanharia a trajetória profissional destes. Pode-se também verificar estratégias de promoção de saúde e sugerir acompanhamento com equipe de saúde para esses profissionais, orientações, capacitações, grupos de discussão. E ainda, pode-se pensar em uma reavaliação da educação como um todo, pensar no método desenvolvido na escola e em como transformar estes ambientes, tornando-os mais acolhedores e criativos ao contemplar a diversidade humana presente numa comunidade de aprendizes.

6. Referências

- Bardin, L. Análise do conteúdo. Trad. De Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2008.
- Benevides-Pereira, A. M.T. Considerações sobre a Síndrome de Burnout e seu impacto no ensino. Boletim de Psicologia, 2012, Vol. LXII, N° 137: 155-168
- Carta de Ottawa. Encontrado em www.opas.org.br/carta-de-ottawa. Acesso em 01/07/2017.
- Codo, W. e Batista, A.S. Educação: carinho e trabalho. Cap. 29- O outro como produto, p. 384-389. Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 3ª ed., 1999.
- Codo, W. e Gazzotti, A.A. Educação: carinho e trabalho. Cap. 2- Trabalho e afetividade, p. 48-59. Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 3ª ed., 1999.
- Codo, W. Educação: carinho e trabalho. Cap. 13- Burnout, a síndrome da desistência do educado, que pode levar à falência da educação, p. 237-260. Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 3ª ed., 1999.
- Dejours, C. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. Ed. Cortez – edição ampliada - 5ª ed. Oboré, 1992.
- Dejours, C. Psicodinâmica do trabalho. Ed. Atlas, São Paulo, 1994.
- Dejours, C. Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho. Ed. Fundap: EAESP/FGV, 1999.
- Esteve, J.M. O mal-estar docente. Lisboa. Edição Escher, 1992.
- Esteve, J.M. Profissão Professor: Mudanças sociais e função docente, p. 93. Porto Editora, 1995.
- Freud, S. O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. Obras completas de Sigmund Freud: vol. XXI: 1927-1931. Rio de Janeiro. Ed. Imago.
- Lapo, F.R. e Bueno B.O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. Caderno de pesquisas, 2003, n° 118, pág 65-88.
- Lipp, M.N. e Malagris, L.N. O Stress Emocional e seu Tratamento. São Paulo: Artes Medicas. 2001
- Macaia, A.A.S. Excluídos no trabalho? Análise sobre o processo de afastamento por transtornos mentais e comportamentais e retorno ao trabalho de professores da rede pública municipal de São Paulo. Tese apresentada ao programa de Mestrado, 2013, São Paulo-SP.
- Minayo, M.C.S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 9ª Ed. São Paulo: Hucitec. 2006

OMS: Conceito de saúde. Encontrado em www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5263:opas-oms-apoia-governos-no-objetivo-de-fortalecer-e-promover-a-saude-mental-da-populacao&Itemid=839. Acesso em 01/07/2017.

Paparelli, R. Desgaste mental do professor da rede pública de ensino: trabalho sem sentido sob a política de regularização de fluxo escolar. Tese apresentada ao programa de doutorado, 2009, São Paulo-SP.

Ranguetti, D.S. Políticas de formação inicial dos professores no Brasil: dos Jesuítas às diretrizes da Pedagogia. Revista ambiente e educação - vol 1, nº 1 – Jan/Julho 2008, São Paulo

Resolução SE 18, de 10-4-2017. Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/18_17.HTM?Time=20/05/2017%2005:22:58. Acesso em 01/08/2017.

Rezende, M.M. Tratamento de dependentes de drogas: diálogos com profissionais da área da Saúde Mental. Tese de doutorado, 1999, Campinas, SP.

Romanelli, O.O. História da educação no Brasil: 1930-1973. Ed. Vozes, 2001, 26ª edição.

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Resolução SE-12, de 18-3-2014. Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/12_14.HTM?Time=22/08/2015%2016:29:15. Acessado em: 22/08/2015.

UNESCO 2004 - Edição publicada pelo Escritório da UNESCO no Brasil. Acessado em 16/04/2016



Secretaria de Estado da Educação
DIRETORIA DE ENSINO REGIÃO SUL 3
Avenida Alcindo Ferreira, nº 04 – Jd. Cruzeiro – Cidade Dutra – CEP 04803-170
Telefones: (011) 5660-1300 / 5660-1301 Fax : (011) 5660-1301
E-mail: desu3@educacao.sp.gov.br

Eu, ROSEMERI CLEMENTE DOS SANTOS, RG: 18.498.296, supervisora de ensino, atualmente em substituição a Dirigente Regional de Ensino por motivo de férias da titular, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada, Mal estar docente: estudo com professores readaptados de escolas públicas, responsabilidade do professor Davi Barbosa Pena, em escolas públicas. Para isto, serão disponibilizados ao pesquisador espaço físico para realizar entrevistas.

São Paulo, 23 de setembro de 2015.

Rosemeri Clemente dos Santos
Dirigente Regional de Ensino
RG 18.498.296

ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, _____, aceito participar desta pesquisa que tem por título: “Mal-Estar docente: estudo com professores readaptados de escolas públicas”, sob responsabilidade dos pesquisadores Davi Barbosa Pena, aluno do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde e do Prof. Dr. Manuel Morgado Rezende da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Fui informado (a) que responderei um questionário de identificação e que serei entrevistado pelo pesquisador Davi Barbosa Pena, que é aluno do Programa de Mestrado, na Universidade Metodista de São Paulo.

Declaro ter compreendido as informações e estou ciente de que a minha participação respondendo ao questionário e sendo entrevistado, não trará nenhum prejuízo à minha pessoa, e que minha privacidade será preservada. Também estou ciente que não haverá retorno para mim sobre a entrevista que participarei, em função de proteger minha privacidade

Fui esclarecido de que não terei nenhuma despesa por participar desta pesquisa, portanto não serei ressarcido de nada. Concordo que os dados coletados na entrevista sejam publicados para fins escolares, desde que seja mantido o segredo, sobre minha participação. Acrescento que ainda fui informado (a) de que poderei, a qualquer momento, desistir de participar do estudo sem que haja nenhum problema.

Quanto aos riscos e benefícios, estou ciente de que os riscos que a pesquisa pode oferecer a mim estão relacionados ao desconforto do tempo gasto, e algum desconforto físico ou emocional que eu possa sentir no momento que estiver sendo entrevistado. Caso isso aconteça terei o direito de desistir de participar da pesquisa. Fica esclarecido, também, a garantia de que caso sofra algum dano ou prejuízo decorrente de minha participação no estudo, poderei solicitar judicialmente ação indenizatória, conforme prevê a legislação estabelecido na Resolução 466/12.

Em relação aos benefícios, entendo que, ao participar da pesquisa, irei contribuir para o aumento de estudos no campo da Psicologia da Saúde. Logo, os benefícios não se aplicam diretamente a mim, mas, a uma maior compreensão do tema desta pesquisa.

É do meu conhecimento que o pesquisador responsável pelo estudo, Davi Barbosa Pena, telefone: 11 99540-0781, e-mail: davibpena@gmail.com; se coloca a disposição para esclarecer as dúvidas que surgirem sobre a minha participação, oferecendo todo o apoio que eu precisar na hora de responder a entrevista. E que ele também irá agir com responsabilidade para cumprir tudo o que está escrito neste documento. Também estou ciente que este projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Metodista de São Paulo, É de meu conhecimento que se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UMESP) – Rua do Sacramento, 231 bairro: Rudge Ramos, São Bernardo do Campo, São Paulo, CEP: 09640- 000 – Ed. Capa sala 401- Telefone: (11) 4366-5814 – E-mail: cometica@metodista.br.

Este documento será assinado em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

São Paulo, ____/____/____.

Assinatura do participante: _____

RG: _____

Assinatura do pesquisador: _____

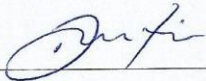
ANEXO 3 – DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR

Eu, Davi Barbosa Pena pesquisador (a) responsável pela pesquisa denominada

"Mal Estar docente: estudo com professores readaptados de escolas públicas", declaro que:

- assumo o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa;
- os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados para se atingir o(s) objetivo(s) previsto(s) na pesquisa;
- os materiais e os dados obtidos ao final da pesquisa serão arquivados sob a responsabilidade da Universidade Metodista de São Paulo;
- os resultados da pesquisa serão tornados públicos em periódicos científicos e/ou em encontros, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa, não havendo qualquer acordo restritivo à divulgação;
- o CEP-UMESP será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa, por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da interrupção da pesquisa; assumo o compromisso de suspender a pesquisa imediatamente ao perceber algum risco ou dano, conseqüente à mesma, a qualquer um dos sujeitos participantes, que não tenha sido previsto no termo de consentimento.

São Bernardo do Campo, 03 de Fevereiro de 2016.



Davi Barbosa Pena

CPF: 273.982.878-01

ANEXO 4 – IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Data da entrevista: ___/___/_____

Nome _____ Idade: _____

Nasc: ___/___/_____ Sexo: _____ Estado Civil: _____

Graduação: _____ Ano de Conclusão: _____

Universidade: _____

Especialização: () Sim () Não Qual: _____

Ano de Conclusão: ___/___/_____

Mestrado: () Sim () Não Qual: _____

Em andamento () Ano de Conclusão: ___/___/_____

Doutorado: () Sim () Não. Qual: _____

Em andamento. () Ano de Conclusão: ___/___/_____

Outros _____

Tempo de trabalho na educação: _____



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Coordenadoria de Ensino da Região Metropolitana da Grande São Paulo

Secretaria da Educação

DIRETORIA DE ENSINO REGIÃO SUL 3

E.E PROF. JOSÉ VIEIRA DE MORAES

DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, IVETE SOARES DE MATOS , declaro ciência da participação da instituição E.E. PROFº JOSÉ VIEIRA DE MORAES, como instituição coparticipante no projeto de pesquisa intitulado Mal-estar docente: estudo com professores readaptados de escolas públicas, sob a responsabilidade do pesquisador Davi Barbosa Pena, sendo a instituição proponente Universidade Metodista de São Paulo-UMESP.

Serão disponibilizados ao pesquisador já citado espaço físico(sala onde será realizada entrevista, com iluminação, cadeiras e mesa), após a emissão do parecer ético de aprovado pelo CEP da instituição proponente. Declaro ainda conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.



Ivete Soares de Matos
Vice-Diretora
R.S. 21.532-2/3-3
04/10/15

Assinatura e carimbo do responsável institucional pela instituição coparticipante

ANEXO 6 – CARTA DE OTAWA

PRIMEIRA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PROMOÇÃO DA SAÚDE

Ottawa, novembro de 1986

A Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em Ottawa, Canadá, em novembro de 1986, apresenta neste documento sua Carta de Intenções, que seguramente contribuirá para se atingir Saúde para Todos no Ano 2000 e anos subsequentes. Esta Conferência foi, antes de tudo, uma resposta às crescentes expectativas por uma nova saúde pública, movimento que vem ocorrendo em todo o mundo. As discussões localizaram principalmente as necessidades em saúde nos países industrializados, embora tenham levado em conta necessidades semelhantes de outras regiões do globo. As discussões foram baseadas nos progressos alcançados com a Declaração de Alma-Ata para os Cuidados Primários em Saúde, com o documento da OMS sobre Saúde Para Todos, assim como com o debate ocorrido na Assembléia Mundial da Saúde sobre as ações intersetoriais necessárias para o setor.

PROMOÇÃO DA SAÚDE Promoção da saúde é o nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. A saúde deve ser vista como um recurso para a vida, e não como objetivo de viver. Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global.

PRÉ-REQUISITOS PARA A SAÚDE As condições e os recursos fundamentais para a saúde são: Paz – Habitação – Educação – Alimentação – Renda - ecossistema estável – recursos sustentáveis - justiça social e equidade O incremento nas condições de saúde requer uma base sólida nestes pré-requisitos básicos.

DEFESA DE CAUSA A saúde é o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, assim como uma importante dimensão da qualidade de vida. Fatores políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais, comportamentais e biológicos podem tanto favorecer como prejudicar a saúde. As ações de promoção da saúde objetivam, através da defesa da saúde, fazer com que as condições descritas sejam cada vez mais favoráveis.

CAPACITAÇÃO Alcançar a equidade em saúde é um dos focos da promoção da saúde. As ações de promoção da saúde objetivam reduzir as diferenças no estado de saúde da população e assegurar oportunidades e recursos igualitários para capacitar todas as pessoas a realizar completamente seu potencial de saúde. Isto inclui uma base sólida: ambientes favoráveis, acesso à informação, a experiências e habilidades na vida, bem como oportunidades que permitam fazer escolhas por uma vida mais sadia. As pessoas não podem realizar completamente seu potencial de saúde se não forem capazes de controlar os fatores determinantes de sua saúde, o que se aplica igualmente para homens e mulheres.

MEDIAÇÃO Os pré-requisitos e perspectivas para a saúde não são assegurados somente pelo setor saúde. Mais importante, a promoção da saúde demanda uma ação coordenada entre todas as partes envolvidas: governo, setor saúde e outros setores sociais e econômicos, organizações voluntárias e não-governamentais, autoridades locais, indústria e mídia. As pessoas, em todas as esferas da vida, devem envolver-se neste processo como indivíduos, famílias e comunidades. Os profissionais e grupos sociais, assim como o pessoal de saúde, têm a responsabilidade maior na mediação entre os diferentes, em relação à saúde, existentes na sociedade. As estratégias e programas na área da promoção da saúde devem se adaptar às necessidades locais e às possibilidades de cada país e região, bem como levar em conta as diferenças em seus sistemas sociais, culturais e econômicos.

SIGNIFICADO DAS AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE: CONSTRUINDO POLÍTICAS PÚBLICAS SAUDÁVEIS A promoção da saúde vai além dos cuidados de saúde. Ela coloca a saúde na agenda de prioridades dos políticos e dirigentes em todos os níveis e setores, chamando-lhes a atenção para as conseqüências que suas decisões podem ocasionar no campo da saúde e a aceitarem suas responsabilidades políticas com a saúde. A política de promoção da saúde combina diversas abordagens complementares, que incluem legislação, medidas fiscais, taxações e mudanças organizacionais. É uma ação coordenada que aponta para a equidade em saúde, distribuição mais equitativa da renda e políticas sociais. As

ações conjuntas contribuem para assegurar bens e serviços mais seguros e saudáveis, serviços públicos saudáveis e ambientes mais limpos e desfrutáveis. A política de promoção da saúde requer a identificação e a remoção de obstáculos para a adoção de políticas públicas saudáveis nos setores que não estão diretamente ligados à saúde. O objetivo maior deve ser indicar aos dirigentes e políticos que as escolhas saudáveis são as mais fáceis de realizar.

CRIANDO AMBIENTES FAVORÁVEIS Nossas sociedades são complexas e inter-relacionadas. Assim a saúde não pode estar separada de outras metas e objetivos. As inextricáveis ligações entre a população e seu meio-ambiente constituem a base para uma abordagem socioecológica da saúde. O princípio geral orientador para o mundo, as nações, as regiões e até mesmo as comunidades é a necessidade de encorajar a ajuda recíproca – cada um a cuidar de si próprio, do outro, da comunidade e do meio-ambiente natural. A conservação dos recursos naturais do mundo deveria ser enfatizada como uma responsabilidade global. Mudar os modos de vida, de trabalho e de lazer tem um significativo impacto sobre a saúde. Trabalho e lazer deveriam ser fontes de saúde para as pessoas. A organização social do trabalho deveria contribuir para a constituição de uma sociedade mais saudável. A promoção da saúde gera condições de vida e trabalho seguras, estimulantes, satisfatórias e agradáveis. O acompanhamento sistemático do impacto que as mudanças no meio-ambiente produzem sobre a saúde – particularmente, nas áreas de tecnologia, trabalho, produção de energia e urbanização – é essencial e deve ser seguido de ações que assegurem benefícios positivos para a saúde da população. A proteção do meio-ambiente e a conservação dos recursos naturais devem fazer parte de qualquer estratégia de promoção da saúde.

REFORÇANDO A AÇÃO COMUNITÁRIA A promoção da saúde trabalha através de ações comunitárias concretas e efetivas no desenvolvimento das prioridades, na tomada de decisão, na definição de estratégias e na sua implementação, visando a melhoria das condições de saúde. O centro deste processo é o incremento do poder das comunidades – a posse e o controle dos seus próprios esforços e destino. O desenvolvimento das comunidades é feito sobre os recursos humanos e materiais nelas existentes para intensificar a auto-ajuda e o apoio social, e para desenvolver sistemas flexíveis de reforço da participação popular na direção dos assuntos de saúde. Isto requer um total e contínuo acesso à informação, às oportunidades de aprendizado para os assuntos de saúde, assim como apoio financeiro adequado.

DESENVOLVENDO HABILIDADES PESSOAIS A promoção da saúde apóia o desenvolvimento pessoal e social através da divulgação e informação, educação para a saúde e intensificação das habilidades vitais. Com isso, aumentam as opções disponíveis para que as populações possam exercer maior controle sobre sua própria saúde e sobre o meio-ambiente, bem como fazer opções que conduzam a uma saúde melhor. É essencial capacitar as pessoas para aprender durante toda a vida, preparando-as para as diversas fases da existência, o que inclui o enfrentamento das doenças crônicas e causas externas. Esta tarefa deve ser realizada nas escolas, nos lares, nos locais de trabalho e em outros espaços comunitários. As ações devem se realizar através de organizações educacionais, profissionais, comerciais e voluntárias, bem como pelas instituições governamentais.

REORIENTAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE A responsabilidade pela promoção da saúde nos serviços de saúde deve ser compartilhada entre indivíduos, comunidade, grupos, profissionais da saúde, instituições que prestam serviços de saúde e governos. Todos devem trabalhar juntos, no sentido de criarem um sistema de saúde que contribua para a conquista de um elevado nível de saúde. O papel do setor saúde deve mover-se, gradativamente, no sentido da promoção da saúde, além das suas responsabilidades de prover serviços clínicos e de urgência. Os serviços de saúde precisam adotar uma postura abrangente, que perceba e respeite as peculiaridades culturais. Esta postura deve apoiar as necessidades individuais e comunitárias para uma vida mais saudável, abrindo canais entre o setor saúde e os setores sociais, políticos, econômicos e ambientais. A reorientação dos serviços de saúde também requer um esforço maior de pesquisa em saúde, assim como de mudanças na educação e no ensino dos profissionais da área da saúde. Isto precisa levar a uma mudança de atitude e de organização dos serviços de saúde para que focalizem as necessidades globais do indivíduo, como pessoa integral que é.

VOLTADOS PARA O FUTURO A saúde é construída e vivida pelas pessoas dentro daquilo que fazem no seu dia-a-dia: onde elas aprendem, trabalham, divertem-se e amam. A saúde é construída pelo cuidado

de cada um consigo mesmo e com os outros, pela capacidade de tomar decisões e de ter controle sobre as circunstâncias da própria vida, e pela luta para que a sociedade ofereça condições que permitam a obtenção da saúde por todos os seus membros. Cuidado, holismo e ecologia são temas essenciais no desenvolvimento de estratégias para a promoção da saúde. Além disso, os envolvidos neste processo devem ter como guia o princípio de que em cada

fase do planejamento, implementação e avaliação das atividades de promoção da saúde, homens e mulheres devem participar como parceiros iguais.

COMPROMISSOS COM A PROMOÇÃO DA SAÚDE Os participantes desta Conferência comprometem-se a:

- atuar no campo das políticas públicas saudáveis e advogar um compromisso político claro em relação à saúde e à equidade em todos os setores;
- agir contra a produção de produtos prejudiciais à saúde, a degradação dos recursos naturais, as condições ambientais e de vida não-saudáveis e a má-nutrição; e centrar sua atenção nos novos temas da saúde pública, tais como a poluição, o trabalho perigoso e as questões da habitação e dos assentamentos rurais;
- atuar pela diminuição do fosso existente, quanto às condições de saúde, entre diferentes sociedades e distintos grupos sociais, bem como lutar contra as desigualdades em saúde produzidas pelas regras e práticas desta mesma sociedade;
- reconhecer as pessoas como o principal recurso para a saúde; apoiá-las e capacitá-las para que se mantenham saudáveis a si próprias, às suas famílias e amigos, através de financiamentos e/ou outras formas de apoio; e aceitar a comunidade como porta-voz essencial em matéria de saúde, condições de vida e bem-estar;
- reorientar os serviços de saúde e os recursos disponíveis para a promoção da saúde; incentivar a participação e colaboração de outros setores, outras disciplinas e, mais importante, da própria comunidade;
- reconhecer a saúde e sua manutenção como o maior desafio e o principal investimento social dos governos; e dedicar-se ao tema da ecologia em geral e das diferentes maneiras de vida;
- a Conferência conclama a todos os interessados juntar esforços no compromisso por uma forte aliança em torno da saúde pública.

POR UMA AÇÃO INTERNACIONAL A Conferência conclama a OMS e outras organizações internacionais para a defesa da promoção da saúde em todos os fóruns apropriados e para o apoio aos países no estabelecimento de estratégias e programas para a promoção da saúde. A Conferência está firmemente convencida de que se as pessoas, as ONGs e organizações voluntárias, os governos, a OMS e demais organismos interessados, juntarem seus esforços na introdução e implementação de estratégias para a promoção da saúde, de acordo com os valores morais e sociais que formam a base desta Carta, a Saúde Para Todos no Ano 2000 será uma realidade!